

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL

FABIANA RIBEIRO MONTEIRO

*O que pode o corpo do trabalhador?
compostagens entre subjetividade, cuidado e risco*

DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SÃO PAULO

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL

FABIANA RIBEIRO MONTEIRO

***O que pode o corpo do trabalhador?
compostagens entre subjetividade, cuidado e risco***

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Social sob orientação do Prof. Dr. Odair Furtado.

SÃO PAULO

2017

Banca Examinadora

Dedico à VIDA,

À Ricardo Mendes, amor da/na minha vida e ao nosso Raul!

AGRADECIMENTOS

*Que independente disso
Eu não passo de um malandro
De um moleque do Brasil*

*Que peço e dou esmolas
Mas ando e penso sempre com mais de um
Por isso ninguém vê minha sacola*

(Mistério do Planeta – Novos Baianos)

São muitos, tantos e todos!!! Gratidão ao paradoxo vital, as tecnologias digitais, aos poetas artífices do viver, os anjos tortos, ao sangue nas veias... aos encontros com:

À Universidade Federal do Piauí Campus Parnaíba aliado ao curso de Psicologia no qual sou docente efetiva desde 2008 pela concretização e viabilização do meu afastamento institucional integral para a realização deste curso de Doutorado;

À Odair Furtado, meu orientador na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Puc-SP) no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, pela amizade e carinho, por não impossibilitar minha pressa de viver!

Aos Grupos de Estudos: Corpo e Sociedade (Unesp-RC), Mil Platôs da Educação Matemática (Unesp-RC), NUTAS Núcleo de Pesquisa Trabalho e

Ação Social (Puc-SP), Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade Contemporânea (Puc-SP);

Às secretárias da Secretaria Acadêmica de Pós-Graduação, da PEPG em Psicologia Social (Marlene Camargo) e funcionários da biblioteca da Puc-SP;

À Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) cuja bolsa de estudos fomentou os recursos técnicos, financeiros e subjetivos dos quatro anos do curso;

Ao coordenador do Cerest de Rio Claro, José Carlos e a sub-coordenadora Kimie que acolheram e direcionaram as forças dessa pesquisa naquele contexto junto aos demais servidores públicos municipais da rede de saúde desta cidade e região;

À todos os espaços e participantes dos grupos de Lian Gong! ;

Aos colegas docentes das bancas de qualificação e defesa final, Maria Cristina Vicentin, Ricardo Teixeira, Miriam Debieux, Bader Sawaia, César Leite, Rosane Preciosa, pela atenção e partilha;

Aos amigos paulistanos e paulistas Ana Carolina, Luciana, Maurício, Graça, Luís, Laís, Mercedes, Sônia, Carina, Mário, Dona Antônia, Flávia e César e Laurinha, Nena, Jamur, Luciano, Silvana, Coxim, Bruna, Helber, Rejane, Eder e Rafinha, Maltemp e Pati;

Aos amigos de Parnaíba (PI), em especial, aos que estiveram conosco também em Rio Claro, Alessandra, Rejane, Carpegianni, Meire, Marcinha, Eugênia, Cristiano;

Aos meus pais José Augusto e Rita Solanea, minhas irmãs Poliana e Mariana, meus cunhados Vitor, Kima, Eduardo, Leonardo, Viviane, nossos sobrinhos João Gabriel e Luis Miguel, e meus sogros queridos Joaquim e Elza;

Aos companheiros de viagem, invenções, riscos, meus amados cartógrafos, Ricardo Mendes e Raul Monteiro Mendes, obrigada por tudo!!!

MONTEIRO, Fabiana Ribeiro. **O que pode o corpo do trabalhador? compostagens entre subjetividade, cuidado e risco.** 2017. 124f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Faculdade Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

RESUMO

Pensar a problematização do sujeito trabalhador requer questionar sobre as formas que a existência social pode tomar. Tal premissa leva a analisar as relações entre política e corporeidade pois, a fabricação de um corpo é uma maneira de experimentar o tempo, e a política, não é, simplesmente, uma questão sobre um circuito de bens e riquezas, modos de regulação das desigualdades socioeconômicas. O corpo é o instrumento pelo qual se passam nossas lutas, nossos riscos, nossa implicação afetiva na coletividade. Servindo à uma espécie de captura colonizadora e ao investimento na propriedade individual neoliberalista, nele se atualizam aspectos históricos, econômicos, culturais, linguísticos, dentre outros, que se (re) produzem em modos de vida. Essas experiências podem perpetuar-se num distanciamento entre os corpos ou na produção de encontros como espaços de ruptura ao sistema vigente. Aqui nos interessou acompanhar uma experiência outra do conhecimento, possível e real no processo da produção da subjetividade. Estancá-la significa coagular as fissuras, os acidentes, as mutações, e por conseguinte, nos comprometer com a eterna busca pelo melhor modelo, apontar culpados, julgar procedimentos, falar em nome dos outros, denunciar “irregularidades”, tutelar o objeto.

Palavras-chave: corpo, experiência, cuidado, prevenção.

MONTEIRO, Fabiana Ribeiro. **What can the body of the worker? composting between subjectivity, care and risk.** 2017. 124f. Thesis (PhD in Social Psychology) - Faculty of Human Sciences and Health, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

ABSTRACT

Thinking about the problematization of the working subject requires questioning about the forms that social existence can take. This premise leads us to analyze the relations between politics and corporeity, since the fabrication of a body is a way of experiencing time, and politics is not simply a question of a circuit of goods and riches, ways of regulating inequalities socioeconomic variables. The body is the instrument through which our struggles, our risks, our affective implication in the community pass. By serving as a kind of colonizing catch and investing in individual neoliberalist ownership, historical, economic, cultural, linguistic, and other aspects that are (re) produced in ways of life are updated. These experiences can be perpetuated in a distance between the bodies or in the production of encounters as spaces of rupture to the current system. Here we were interested in following another experience of knowledge, possible and real in the process of the production of subjectivity. Stagnating it means coagulating fissures, accidents, mutations, and therefore, committing ourselves to the eternal search for the best model, pointing guilty, judging procedures, speaking on behalf of others, denouncing "irregularities", tutelary the object.

Key-words: body, experience, care, prevention.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro I	30
Mapa I	23

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASPACER	Associação Paulista das Cerâmicas de Revestimento
ACS	Agente Comunitário de Saúde
CEREST	Centro de Referência em Saúde do Trabalhador
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LER/DORT	Lesão por esforço repetitivo/ Distúrbio osteomuscular relacionado ao trabalho
ONG	Organização Não-Governamental
PSF	Programa de Saúde da Família
NASF	Núcleo de Apoio à Saúde da Família
SST	Saúde e Segurança do Trabalho
SUS	Sistema Único de Saúde

*Jurei mentiras
E sigo sozinho
Assumo os pecados
Uh! Uh! Uh! Uh!*

*Os ventos do norte
Não movem moinhos
E o que me resta
É só um gemido*

*Minha vida, meus mortos
Meus caminhos tortos
Meu Sangue Latino
Uh! Uh! Uh! Uh!
Minh'alma cativa*

*Rompi tratados
Traí os ritos
Quebrei a lança
Lancei no espaço
Um grito, um desabafo*

*E o que me importa
É não estar vencido
Minha vida, meus mortos
Meus caminhos tortos
Meu Sangue Latino
Minh'alma cativa*

Sangue Latino
(Ney Matogrosso)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I: Sou um móible solto no furacão	21
1.0. Paisagem-passagem	22
1.1.1. Script da rota.....	26
1.2. Pesquisando	31
1.2.1. Produção do conhecimento na (ad) diversidade.....	40
CAPÍTULO II: Quem precisa de ordem?	48
2.1. Prevenção da vida	48
2.2. O corpo ainda é pouco... o pulso ainda pulsa	59
2.3. Metafísica da carne	64
CAPÍTULO III: Os profissionais de saúde em nós	73
3.1. A casa caiu	73
3.2. <i>Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria</i>	85
CAPÍTULO IV: Vibração coletiva	91
4.1. Trabalho x criação	91
4.2. Ocupando a fronteira	98
EPÍLOGO	104

CONSIDERAÇÕES FINAIS 105

OS ALIADOS DO CRIME/ REFERÊNCIAS 108

ANEXOS 118

Anexo A - Carta de Informação Sobre a Pesquisa 119

Anexo B - Questionário Sociodemográfico 121

Anexo C - Roteiro Entrevista SemiAberta 122

Anexo D - Perfil Sociodemográfico dos Servidores Públicos e Usuários
dos Grupos de Lian Gong 123



Not Enough Brain to Survive escultura de Thomas Lerooy

INTRODUÇÃO

*Tudo que você tem não é seu
 Tudo que você guardar
 Não lhe pertence nem nunca lhe pertencerá
 Tudo que você tem não é seu
 Tudo que você guardar
 Pertence ao tempo que tudo transformará
 Só é seu aquilo que você dá
 Só é seu aquilo que você dá*

(Lampirônicos)

Pois é, eis uma tese que versa sobre descontinuidades e vertigens, sobre a deficiência do exercício transcendental de organização cuja principal dificuldade é cuidar da experimentação do mundo. Como dar um passo num impasse, o gesto que se forma, exige uma presença significativa de *um corpo* para nos deslocar, pois uma *experiência do saber* tem frequentemente uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, uma experiência não é o caminho até o objetivo previsto ou aos resultados alcançados, portanto, o que será mostrado aqui é o processo de sua *compostagem*¹.

Sim, há muitos impasses. Você acompanhará cada costura, nó, desmanche, recoser, brochuras. Isso provavelmente vai lhe exigir atenção,

¹ é um processo de transformação de matéria orgânica, encontrada no lixo, em adubo orgânico (composto orgânico). É considerada uma espécie de reciclagem do lixo orgânico, pois o adubo gerado pode ser usado na agricultura ou em jardins e plantas.

disposição, solidão, e poderá lhe conectar com muitos mundos, através do meu, é óbvio, afinal a experiência não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. *Um corpo* é um instrumento pelo qual se passam nossas lutas, nossos riscos, nossa implicação afetiva na coletividade. Aliás, esta somente tem sentido numa forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, não importa, impreterivelmente, qual minha história pessoal ou acadêmica pois, um saber que se experimenta, adentra e expõe zonas estéticas, éticas e políticas de mundos conscientes e/ou não. É que do ponto de vista afirmativo da vida, o foco está nas paradas e repousos. Quando eu habito essa zona de multiplicidade em mim e no outro, necessariamente, o foco está no *entre*. O foco está na passagem e não no sujeito ou objeto e nem dentro do indivíduo, e sim, no *modo de acontecer*, de se tornar a passagem.

O referido texto não foi determinado (nem sua escritura). É possível notar ao longos dos quatro capítulos uma oscilação de estilo, tom, semântica. A tentativa é mostrar um plano de composição daquela zona que te modifica, mexe, respira, cria um modo outro de se relacionar, um encontro com a desmedida das coisas. Portanto, caro (a) leitor (a), não espere ler sobre um conjunto de aspectos que serão “analisados” e que deixarão a melhor receita a seguir. Observar o que é *comum* em mim tira a codificação da *interação* dos outros sobre mim, e assim, abrimos uma processualidade, e não simplesmente uma investigação: *abraçamos a criação*.

Na presente pesquisa, problematizar um sujeito trabalhador, sob este aspecto, pleiteia questionar sobre as formas que a *existência social* pode tomar. Tal premissa leva a analisar as relações entre corporeidade e política pois, esta

última, não é, simplesmente, uma questão sobre um circuito de bens e riquezas, modos de regulação das desigualdades socioeconômicas, assim como a fabricação de um corpo não se separa de uma maneira de experimentar o tempo. Servindo à uma espécie de captura colonizadora bem como ao investimento na propriedade individual neoliberalista, o corpo se atualiza nos aspectos históricos, econômicos, culturais, linguísticos, dentre outros, que se (re) produzem em modos de vida. Essas experiências podem perpetuar-se num distanciamento entre os corpos ou na produção de encontros como espaços de ruptura frente ao sistema vigente.

Assim, fluindo na direção do tensionamento entre forças e formas, foram gerados os critérios singulares, os riscos, as errâncias e os conceitos desse trabalho. Os autores citados, são parceiros, não mentores. Em alguns momentos eles são apresentados direta ou indiretamente, mas na maioria das vezes, foram “devorados”, e por conseguinte, optou-se em não carregar o texto com explicações de seus conceitos teórico-metodológicos, e sim, fazê-los operar na feitura dos capítulos.

O primeiro deles mostra o cenário bem como os embates na produção do conhecimento que auxiliaram na política de narratividade desta pesquisa entre os profissionais de saúde de Rio Claro (SP) que utilizam a prática corporal *Lian Gong* na rede de atenção básica municipal de saúde. Acompanhamos esse percurso via o modo como as forças desse contexto atravessam o corpo da personagem “pesquisadora” cuja configuração dos efeitos da subjetividade reduzida ao indivíduo é deslocada a fim de não desperdiçar as forças de composição, de reviramento da terra solidificada demais, forças de compostagem.

O segundo, mostra uma diferença entre cansaço e esgotamento das formas, sendo essa afetação que toca nos aspectos sociais prevencionistas do viver. Os terceiro e quarto capítulos, por sua vez, vão na direção da descolonização do tipo de cuidado incorporado na angústia social via as fissuras presentes entre os devires e o trabalho imaterial.

Viver é acontecer, acontecer é modificar, modificar é experimentar. Não adianta ficar repetindo signos, trocar uma palavra por outra. A força tem uma direção, mas não é finalista. A direção da força ativa é uma composição. É uma força de composição. Nesse encontro há criação de singularidade, por conseguinte, sou capaz de criar planos de continuidade, pontes que me lançam para outros devires, outras necessidades.

*O que é que pode fazer o homem comum
Neste presente instante senão sangrar?
Tentar inaugurar
A vida comovida
Inteiramente livre e triunfante?*

*O que é que eu posso fazer
Com a minha juventude
Quando a máxima saúde hoje
É pretender usar a voz?*

*O que é que eu posso fazer
Um simples cantador das coisas do porão?
Deus fez os cães da rua pra morder vocês
Que sob a luz da lua
Os tratam como gente - é claro! - aos pontapés*

*Era uma vez um homem e o seu tempo
Botas de sangue nas roupas de lorca
Olho de frente a cara do presente e sei
Que vou ouvir a mesma história porca
Não há motivo para festa: Ora esta!
Eu não sei rir à toa!*

*Fique você com a mente positiva
Que eu quero é a voz ativa (ela é que é uma boa!)
Pois sou uma pessoa.
Esta é minha canoa: Eu nela embarco.
Eu sou pessoa!
A palavra "pessoa" hoje não soa bem
Pouco me importa!*

*Não! Você não me impediu de ser feliz!
Nunca jamais bateu a porta em meu nariz!
Ninguém é gente!
Nordeste é uma ficção! Nordeste nunca houve!*

*Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!
Não sou da nação dos condenados!
Não sou do sertão dos ofendidos!
Você sabe bem: Conheço o meu lugar!*

CAPÍTULO I

Sou um móible solto no furacão

*Em terra de urubus diplomados
não se escuta o canto dos sabiás*

(Mundo Livre)

O que aconteceria se os *experts*, professores e pesquisadores fossem solicitados a falar sobre o que viveram, o que aprenderam, o que pensaram e não o que lhes foi ensinado? As palavras seriam capazes de ilustrar todos os acidentes, dúvidas, mutações? O que estaria em jogo senão pressuposições do conhecer, pensar, problematizar, pesquisar? O que proponho aqui é que exploremos juntos uma possibilidade digamos existencial (sem ser existentialista) e estética (sem ser esteticista), a saber, expressar como um problema se coloca a partir do par *experiência/sentido*. No avesso de um percurso investigativo, valorizar percepções e afetos em movimento. Cogeração do conhecer, agir e criar. Outro ponto de vista, nem melhor nem pior, uma outra maneira.

A tentativa aqui é, o tempo todo, superar o constrangimento de abrir as portas para um campo de forças de alteridade que empurram emergência às grandes mudanças. Acompanhar a instauração de um novo lugar, afinal, existem várias maneiras de pertencer a vida e de lutar em sua época. Dar vazão as vozes do

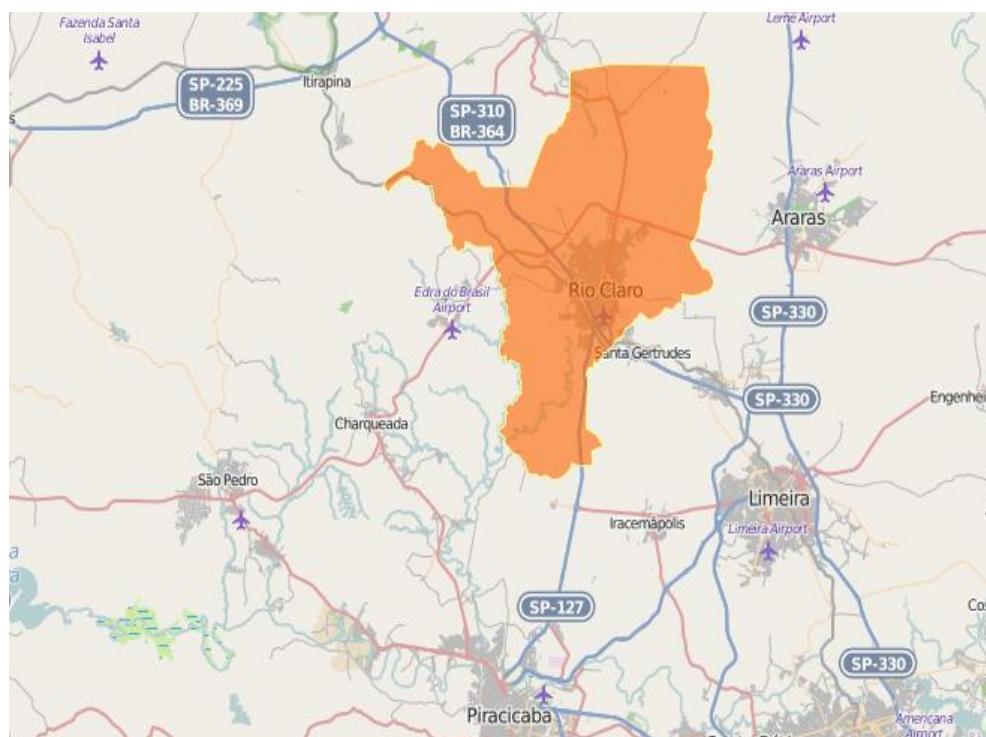
corpo não é opô-las as vozes da razão - trata-se do exercício de *desfazer uma hierarquia entre razão e corpo*. Um gesto onde informação e reflexão não conseguem se consolidar.

1.1. Paisagem-passagem

A cidade Rio Claro (190 km da capital São Paulo) faz parte de uma microrregião bastante desenvolvida e em constante expansão econômica. Segundo o IBGE (2015) ocupa uma área total de 498,42 km², sendo 28,3500 km² sua área urbanizada e uma população estimada 198.413 habitantes. Situada numa região considerada o segundo polo industrial do Estado, resultado do crescimento econômico, consequência do processo de industrialização da cidade de São Paulo, atrelado às grandes plantações de café. Atualmente a monocultura é predominante, com a presença de usinas e latifúndios de plantio de cana-de açúcar.

O município de Rio Claro (ver Mapa I abaixo) surgiu em 1845 e sua divisão territorial desde 1995 é constituída por dois distritos denominados Ajapi e Assistência. Vale destacar que o desenvolvimento econômico produziu transformações socioespaciais capazes de proporcionar um dinamismo diferenciado no cotidiano da cidade, como foi o caso da construção da Companhia Paulista de Estrada de Ferro que fazia a ligação entre Campinas e Rio Claro, inaugurada em 1876, e uma nova ferrovia, ligando Rio Claro a São Carlos e Araraquara (1881 e 1885) pela Companhia de Estradas de Ferro do Rio Claro, fato que estruturou todo plano urbano em ruas e avenidas numeradas, tornando seu ponto referencial o centro da cidade, na área da antiga Estação Ferroviária, hoje atual Secretaria de Turismo (BUSSIUS, 2011).

A “cidade azul” devido ao céu azul-anil luminoso nos dias de verão, também é conhecida como “cidade dormitório” devido ao fluxo constante de atração de pessoas em busca de melhores condições e oportunidades de trabalho. Tal denominação é comum aos municípios num Estado de concentração de riquezas devido as variadas ofertas de serviços e empregos.



Na região centro-leste, Rio Claro e as cidades de Santa Gertrudes, Limeira, Cordeirópolis, Ipeúna, Piracicaba e Araras formam o maior polo cerâmico da América Latina. De acordo com dados da Associação Paulista das Cerâmicas de Revestimento (Aspacec), são 48 indústrias, responsáveis por 13 mil empregos diretos e 195 mil indiretos. Outro aspecto da cidade é o crescimento econômico anual de 6% na área de tecnologia médica, além da presença de outras indústrias responsáveis pela fabricação de diversos produtos, dentre eles: fibras de vidro, tubos e conexões de PVC,

eletrodomésticos da linha branca, produtos químicos leves, metalúrgicas, cabos para indústrias, balas e caramelos, peças de autos, papelão ondulado e pardo compacto, estamparias, agro avícolas, nutrição de animais, artefatos de borrachas especiais (BUSSIUS, 2011).

É uma cidade planejada, em franco movimento urbano, cheias de entradas e saídas, num trânsito constante com as demais cidades da região. Embora o lazer local cotidiano esteja restrito aos espaços privados, existem dois parques públicos onde ocorrem manifestações de festejos religiosos, carnaval, feiras municipais e encontros universitários. Casarões antigos preservados, predominância de igrejas cristãs e de muitas escolas públicas/privadas. Morros verdes, cheiros-amargos, cheiros-fumaça, temperaturas bruscas.

Neste cenário de desenvolvimento industrial, bem como de tecnologia e comunicação de massa instituídos, e a todo vapor, a produção de subjetividade está em ampla metamorfose. É que no capitalismo contemporâneo esta constitui matéria-prima de toda e qualquer produção, modelização, modulação de comportamentos, sensibilidades, percepções, memórias, relações sociais, sexuais, enfim, a todo um trabalho de formação das forças produtivas e forças de consumo via processos de semiotização (GUATTARI & ROLNIK, 2011) que atravessam e constituem diretamente os modos de ser em sociedade.

Neste sentido, não é nenhuma novidade constatar que as relações capitalísticas de trabalho não estão simplesmente atravessadas por uma contradição material e objetiva, mas sobretudo por um antagonismo subjetivo. Cada vez mais, o investimento na cooperação e gestão autônoma do saber exige uma força de trabalho que produz a sua própria medida de subjetivação. Isso significa que o trabalho tem se singularizado, que a força produtiva se apresenta

como força singular, o que implica numa gestão biopolítica geral, e por conseguinte, indispensavelmente, numa dimensão de produção do indivíduo, na produção de valor, na produção dos corpos. Tal característica necessita, portanto, investir na ilusão de que temos o livre-arbítrio sobre nosso destino e que podemos vender nossa força laboral.

Memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época, o corpo não cessa de ser (re) fabricado ao longo do tempo. De acordo com Sant'Anna (2005, p.12), a gestão biopolítica do corpo está submetida à gestão social tanto quanto ele a constitui e a ultrapassa. Torna-se, portanto, fundamental localizar, primeiramente, “[...] as problematizações que tornaram possível uma série de práticas e de representações corporais que convergem num resultado provisório entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos, numa linguagem polissêmica e histórica”.

Em vista disso, encontramos na rede municipal de saúde de Rio Claro uma particular atuação na geração dos valores simbólicos com os quais a vida social ganha sentido e que produz efeitos nas condições de vida e saúde da população. No Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (Cerest) acontecia a oferta do quarto curso de formação em *Lian Gong* para os servidores públicos municipais, além da existência de cinco grupos desta prática consolidados desde 2005 com ampla participação da população local. Os exercícios da técnica chinesa Lian Gong em 18 terapias tratam e previnem dores no pescoço, nos ombros, na região lombar, nas pernas, nos tendões e nas articulações.

Majoritariamente, o curso era procurado por profissionais em saúde e segurança do trabalho (SST) cuja atividade vem se diversificando conforme as necessidades e legislações estatais e de mercado. Desde quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) estimulou, no final da década de 1970, a implantação da chamada Medicina Tradicional ou Medicina Complementar e Alternativa nos Sistemas de Saúde, e lançou, entre 2002 e 2003, documentos e resoluções com orientações sob quatro pilares fundamentais (estruturação de uma política; garantia de segurança, qualidade e eficácia; ampliação do acesso e o uso racional), o contexto brasileiro vem ganhando adeptos e expressiva atuação profissional (TESSER, 2009).

1.1.1. Script da rota

A rede municipal de Rio Claro possui seis unidades básicas de saúde, nove unidades com programas de saúde da família e é referência para outros onze pequenos municípios da região. O primeiro grupo de Lian Gong foi iniciado pela enfermeira do trabalho do Cerest “*o Lian Gong é uma vírgula de tudo que a gente faz aqui*” (sic); há dez anos atrás eles tinham um serviço chamado Programa de Tratamento e Orientação cujo objetivo maior era a assistência ambulatorial a trabalhadores/trabalhadoras acidentados, a maioria com Ler/Dort. Cada profissional com sua especialidade trabalhava da seguinte maneira: a psicóloga sobre os aspectos emocionais da doença, a terapeuta ocupacional das adaptações posturais de prevenção e tratamento, a enfermeira sobre a etiologia da doença, o fisioterapeuta realizava tratamentos de reabilitação. No cotidiano laboral, esses profissionais começaram a perceber que estava “*faltando alguma*

“coisa”, que a assistência ambulatorial não era o papel do Cerest, que esse tipo de assistência não estava ajudando nos casos de Ler/Dort devido a grande reincidência destes. Preocupados com “*o que mais eles podiam oferecer*”, então foram conhecer outros Cerest no estado paulista e não encontravam nada que tivesse o perfil de atendimento que eles estavam buscando, até que “*fuçando muito*” encontraram uma indicação de uma Terapeuta Ocupacional sobre um grupo em Piracicaba que não estava vinculado a nenhuma entidade governamental – eles praticavam o Lian Gong. Estudando sobre o assunto descobriram que essa atividade era ótima para tratamento e prevenção de Ler/Dort além de artrites, tendinites, síndromes do carpo, dentre outras. Com o passar do tempo, a enfermeira do trabalho foi quem se identificou com aquela prática e resolveu investir. Por conta própria ela fez outros cursos de formação em São Paulo sobre Xian Gong e Lian Gong pois sua ideia era espalhar pela cidade a prática preventiva e tentar fazer com que trabalhadores/trabalhadoras em geral pudesse frequentar algum grupo no seu próprio bairro já que as empresas públicas e privadas da cidade não cediam seus funcionários para atividades dessa natureza.

Ema São Paulo ela conheceu um instrutor dessa prática que trabalhava numa ONG em Campinas e então eles fizeram um projeto para que a Fundação/Secretaria de Saúde Municipal de Rio Claro custeasse o primeiro de curso de formação. Deste modo, nos últimos dez anos alguns outros objetivos foram se consolidando: modificar a atuação do Cerest para a promoção e vigilância à saúde, desenvolver na rede de saúde uma referência em atividade física, especialmente, quando ocorreu a suspensão dos serviços de estágio e extensão universitária coordenados pelos professores do curso de Educação

Física da Universidade Estadual Paulista (ficando restrito a uma única unidade) e, modificar o encaminhamento dos médicos municipais a fim de destinar os pacientes diagnosticados com hipertensão, diabetes, artroses, depressão, dentre outros, bem como os casos de notificações de acidentes laborais, para uma atividade que trabalhasse com exercícios contínuos osteomusculares.

Fato curioso foi que os próprios profissionais em SST da rede (enfermeiros, nutricionistas, fisioterapeutas, técnicos de segurança e de enfermagem, agentes comunitários de saúde, terapeutas ocupacionais, psicólogos, dentre outros) eram os que mais se interessavam em participar dos grupos... uma forma de fazê-lo era realizar o cursos de formação que lhes conferia a base para se tornarem coordenadores desses grupos... ou não..., pois muitos não davam continuidade a esse trabalho. Com exceção da enfermeira do Cerest, os outros grupos de Lian Gong eram coordenados por agentes comunitários de saúde, aliás as *agentes*. Muitas aprendiam fazendo com a própria enfermeira do trabalho, e somente naquele ano (2014) é que foram fazer o curso de formação para pegar o certificado, ou seja, coordenar um grupo de Lian Gong não mudava o plano de carreira, nem o salário e nem a carga horária desses profissionais – funcionava apenas como algo diferente na rotina de trabalho... o que *isso* queria dizer?

Naquele momento, o quarto curso de formação do Lian Gong teve ampla divulgação, bastante número de inscritos (em algumas unidades de saúde das cidades vizinhas houve até sorteio para escolher quem iria participar) e era acompanhado da ideia de gerar a implementação de novos grupos na rede a fim de efetivar institucionalmente essa técnica corporal chinesa como uma política de saúde da região conforme previsto na Portaria 971 de maio de 2006 do

Ministério da Saúde que já inclui o *Lian Gong* entre as consideradas Práticas Integrativas e Complementares a serem oferecidas aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

A partir das visitas aos grupos existentes, por sugestão da enfermeira do trabalho e das agentes comunitárias, concomitantemente, elaborou-se o projeto desta presente pesquisa para o Comitê de Ética da PUC-SP, conforme exigência do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Encaminhado e aceito (ver CAAE 44462614.6.0000.5482) este continha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo A) no qual foram explicados os objetivos e etapas da pesquisa, riscos e benefícios, cuja apresentação ocorreu no primeiro dia do curso de capacitação em que houve a oportunidade de conhecer todos os atuais servidores públicos de saúde que tinham contato com o *Lian Gong*. Na ocasião também foi oferecido um formulário de aut preenchimento a fim de construirmos um perfil sociodemográfico dos participantes (ver Anexo B). Todo o registro do processo da pesquisa realizou-se num diário de campo, via recursos audiovisuais como gravador de áudio digital utilizados concomitante aos instrumentos qualitativos como: conversas informais, telefonemas, troca de e-mails, observação livre e participante e entrevistas semiabertas (ver Anexo C).

Abaixo segue um quadro que sintetiza os tipos e a sequência das atividades ocorridas num período de um ano:

QUADRO I

ATIVIDADE	PARTICIPANTES	QUANTIDADE	LOCAL
Reuniões e conversas informais	Coordenador e enfermeira do Cerest	4	Centro de Referência em Saúde do Trabalhador
Observação participante no curso de capacitação para coordenação de grupos de Lian Gong	Vinte e quatro servidores públicos da rede municipal de saúde	Encontros uma vez por semana com carga horária de 4 horas durante 3 meses	Centro Cultural Roberto Palmari (municipal)
Visitas aos grupos de Lian Gong – observação participante e conversas informais	Coordenadores e participantes dos grupos	5	Pátios de igreja, praças públicas, quadra esportiva da escola pública, espaço de reunião de um sindicato, estacionamento do PSF, quadra poliesportiva da prefeitura
Entrevistas semiabertas	Coordenadores dos grupos de Lian Gong	8	Local de trabalho (Cerest e PSF's)
Observação Livre em reuniões mensais	Coordenadores dos grupos de Lian Gong	2	Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF)

1.2. Pesquisando

*Debaixo d'água protegido salvo fora de perigo
aliviado sem perdão e sem pecado
sem fome sem frio sem medo sem vontade de voltar*

Mas tinha que respirar

*Debaixo d'água tudo era mais bonito
mais azul mais colorido
só faltava respirar*

*Mas tinha que respirar
Todo dia
Todo dia, todo dia
Todo dia²*

“Qual é o objeto da sua pesquisa?” Quando lhe foi feita essa pergunta a pesquisadora³ não soube responder prontamente, ainda tentou explicar, mas não disse com aquele sabor assertivo, orgulhosa de estar dominando o que falava, como costumava gostar. Provavelmente nem percebeu o quanto se incomodou com essa pergunta, e não caberia aqui relatar as contingências que ocorreram no campo pesquisado, mas, sobretudo, a exposição das dúvidas, medos, anseios, desassossegos que insistiam em não apenas relativizar o instrumental técnico de seus interesses acadêmicos...

Ela sentia, sem perceber, que tais sensações estavam agindo de outra maneira nela e no seu mundo... a maneira de pensar estava sendo provocada

² Música Debaixo D'Água de Arnaldo Antunes

³ A personagem “pesquisadora” nos leva a acompanhar o modo como as forças desse contexto incidem na maneira de elaborar e produzir os dados. Esta foi produzida na política de narratividade deste estudo cuja configuração dos efeitos da subjetividade reduzida ao indivíduo é deslocada a fim de não desperdiçar as forças de composição, de reviramento da terra solidificada demais, forças de compostagem.

de outro jeito... não sabia explicar... Seria possível afirmar que tal movimento não se tratava da “criatividade do pesquisador” (MINAYO, 2004), aquela que se restringe a sua capacidade pessoal de análise e síntese teórica, sua experiência reflexiva, seu comprometimento com o objeto, de exposição lógica e a seus interesses?

De fato, é próprio da Modernidade que o homem se descubra não apenas senhor de direito de todas as coisas, mas que também se reconheça como fonte primordial de seus próprios desatinos e erros, envolvido na construção de um sujeito epistêmico pleno, sede, fundamento e fiador de todas as certezas. Essa é a principal característica do caráter *transcendente de organização*, ou seja, recorrer exclusivamente aos determinismos externos, sempre pressupostos, de ideias definidas por um ceticismo racional. Trata-se de produzir metodicamente um indivíduo capaz de trazer o mundo para diante de si (de representá-lo), numa exigência de autodisciplina, um indivíduo qualificado para a função de fundamento autofundante dos sistemas representacionais, dotados de unidade e reflexividade.

Tal característica delimitava *posições demarcadas* entre a pesquisadora e seu campo de pesquisa. Não foi tão difícil verificar o desconforto de uma injeção metodológica que a todo custo visava assegurar um papel de mediação interposta quando a pesquisadora insistia em desvendar e construir os objetivos do estudo “com os participantes”. Supostamente “livre” de qualquer risco de ilusão, um esforço permanente de se manter à margem do rio dos acontecimentos a estava deixando esgotada, desanimada, frustrada. Ainda não havia palavras lógicas que conseguissem explicitar o que estava acontecendo:

"Qual a paz que eu não quero conservar pra tentar ser feliz? ... uma inquietação que não é meramente intelectual, ela se dá conta. Está portando um conflito. Em condições 'normais' muitos micro-organismos convivem pacificamente com as bactérias que são verdadeiros soldados de defesa. O que está fora rompe o delicado equilíbrio de nossas defesas provocando uma inflamação. Esta é que nos mobiliza para algo que está errado... acho que estou perdendo o meu medo da chuva!"

(citação do diário de campo da pesquisadora)

Ao passo de cada *encontro* com os participantes da pesquisa, a cidade, a literatura científica, e também com fontes das mais variadas, não só escritas e teóricas, todos os objetivos geral e específicos, questões pré-definidas, entraram em movimento e se diluíram completamente. Havia uma *outra política de pensamento* à espreita aliada a ameaça de destruição de um determinado mundo – ela suspeitava. A água que molhava seu corpo não era apenas para se impregnar, se infiltrar no campo estudado... em cada passo sentia que era arrastada ao encontro com aquilo que não queria explicação ou interpretação, *como se ela não soubesse mesmo do que se tratava essa pesquisa...* isso era muito constrangedor pois se perguntava: o que estou fazendo aqui? Os instrumentos de pesquisa não estão funcionando?

Uma tensão se instala de forma bastante violenta... percebeu que seu problema de pesquisa não era a atuação do Cerest, nem a eficácia do Lian Gong tão pouco sua implementação como política institucional, nem os significados do trabalho dos profissionais de saúde... *não conseguia encontrar ressonância entre a apreensão da realidade e o modo de se relacionar com o campo pesquisado.* O principal reflexo disso era o progressivo questionamento sobre o significado do papel *ativo* do pesquisador já que o exercício teórico-crítico-reflexivo era

constantemente assediado por *afetos* que não sinalizavam de onde vinham nem o que queriam. Sua consciência e vontade estavam sendo testadas.

Constatou que quando o *conhecer* se torna a aplicabilidade do conhecimento de que se trata, a *vida* se apequena e se caracteriza num esforço permanente de *desvendar* a realidade segundo as exigências do método, e as inquietações, dúvidas, contradições, anseios, que aparecem no meio do caminho, são justificados pelas lacunas de algumas etapas ainda não desenvolvidas pelo conhecimento, “uma questão de tempo”, uma sequência lógica, um modelo. O conhecimento parece seguir seu curso numa graduação evolutiva e acumulativa tomado por um conjunto de regras como um valor em si para se chegar a uma verdade; os *inputs* deviam ser processados a partir de regras lógicas, que são, em última análise, as regras do método.

Seria o que Sant'Anna (2001) assinala quando, na prática de pesquisa, o contato com o objeto acaba sendo sempre de avaliá-lo baseado numa verdade predefinida, pois, afinal, o sujeito – o dominante - garante sua posição na medida em que mantém o outro numa posição de objeto. Assim, uma relação de dominação acarreta, frequentemente, a degradação de um dos lados, no caso, o dominado – o objeto. Quando sujeito e objeto estão dados e assim se estabelece os papéis de busca da verdade na forma da apreensão da realidade (quando queremos compreendê-la, explicá-la, ir a campo para se impregnar, legitimar por um plano exclusivamente epistêmico a elaboração dos dados) é (in) visível o *fascínio* de se relacionar com o mundo através de estratégias de dominação.

Nesse compasso, Larrosa (2015, p.31) mostra que:

[...] Atualmente, o conhecimento é essencialmente a ciência e a tecnologia, algo essencialmente infinito, que somente pode crescer; algo universal e objetivo, de alguma forma impessoal; algo que está aí, fora de nós, como algo de que podemos nos apropriar e que podemos utilizar; e algo que tem que ver fundamentalmente com o útil no seu sentido mais estreitamente pragmático [...] um conhecimento para as necessidades que nos dão como “vida”.

O acesso a um poder e um saber estabelecido em condições sociais dadas que nos oferecem uma falsa sensação de preenchimento, automaticamente, se converte num recurso indispensável para entrar em zonas de sentido ocultas pela aparência. O conhecimento é produzido para dar conta de um *suposto déficit* que existiria na realidade posto que este estará sempre defasado ou velado esperando por uma descoberta, e que, via uma elaboração intencional e representativa irá entregar mais “verdade” ao problema estudado. Assim, neste caso, *o pesquisar* pode se transformar numa paranoia de identificar os furos obtusos que a paisagem em questão apresenta - farejando desconformidades entre o “ideal” e o “real”.

Ao dar visibilidade às práticas investigativas, Deleuze (1992) evidencia que a ação de pensar vai em outro sentido. Consiste num modo de *resistência* que facilita romper com o assujeitamento à consciência, o que faz efetuar deslocamentos simultaneamente na pesquisa e no pesquisador, exigindo *uma produção de um plano de experimentação* e interferência nos jogos saber-poder-subjetivação, um “ato arriscado, uma violência que se exerce primeiro sobre si mesmo [...]” (Deleuze, 1992, p.128). Desta maneira, a pesquisadora encontrava-se, portanto, num plano que bifurcava em tendências divergentes que pareciam guardar uma abertura e uma sujeição à instabilidade: havia uma desconstrução

do modo de fazer/estar no campo pesquisado que, sem pedir licença ou legitimação, ameaçava a “investigação científica”. Sua pista diária pulsava toda vez que tentava enquadrar e converter o mundo num estoque de objetos representáveis.

A ideia de fragmento arrasta consigo o incômodo da incompletude fazendo emergir uma outra espécie de presença, um outro olhar que não é somente daquele que se debruça sobre a paisagem. As convenções ideológicas ou representativas somente explicam formas, conteúdos, pelo viés do interacionismo ou da macroestrutura, traduzida numa identidade de um determinado grupo social ou indivíduo. Ocorre que, as *formas* também coexistem com elementos que são a-significantes, a-cronológicos, a-comunicativos - são as *forças* de alteridade, afecções, não lineares, corporeidades, na maioria das vezes, bastante desqualificadas. Tal depreciação transcorre, de modo geral, no comportamento científico de insistir numa base epistemológica do conhecer sob o reconhecimento de que o corpo é exclusivamente o substrato onde a cultura e os símbolos e valores culturais se inscrevem, como receptáculo da produção simbólica ou das representações sociais geradas na e pela “cultura” cuja especificidade e autonomia em relação à “natureza” seria garantida em sua radical exterioridade em relação a essa (MALUF, 2002, LE BRETON 2010, 2011).

Sob este aspecto, Giacomet, Régis e Fonseca (2004, p.91) avalizam:

[...] o que é o corpo para a modernidade imersa no paradigma racional? Um amontoado selvagem de instintos que precisa ser domado, disciplinado, algo cuja materialidade embota a essência *cogitans* do humano. O corpo, portanto, precisa ser controlado em prol da plena emergência da substancialidade subjetiva, identificada à unidade

da consciência, porque esta seria a única capaz de uma autêntica experiência e representação do mundo e, portanto, a única possibilidade do conhecimento efetivo da realidade.

Destarte, a fabricação de um corpo é uma maneira de experimentar o tempo. De acordo com Nietzsche (2003), pensar é uma ação que ocorre no presente não podendo ser generalizada ou se tornar um universal abstrato ou modelo a ser seguido. Não é uma discussão, um consenso, palco de disputas ideológicas. É um ato perigoso, sem transcendência e sem fixação nas palavras. Deleuze (1992, p.191) ressalta que a concreticidade de uma realidade está mais nos “[...] desenvolvimentos, bifurcações e mutações que uma imagem secreta do pensamento inspira na necessidade constante de criar novos conceitos, não em função de um determinismo externo, mas em função de um *devir* que arrasta os próprios problemas”. O presente é tão grande, não nos afastemos⁴.

A pesquisadora sofria a ambivalência. Ninguém pra orientar, dizer o sentido e direção do caminho. Produzir o mundo dependia de algo fora dela que tivesse esse poder de completar, preencher, solucionar seu dessabor. Ela sentia muito medo das próprias forças, se desviava, dava mais atenção aos outros, queria fugir. Era essa a *luta* em que estava implicada. *Corpo em devir*. Contudo, quando seu orgulho diminuía, ela sentia novamente a atração por essa experiência que ela queria trazer à existência. Mas como poderia esse processo se encaixar numa dimensão analítica, na capacidade de explicação dos atributos, propriedades e interesses do objeto, de sucessão cronológica, que configuram a alteridade das coisas numa alienação, desvio, anomalia? Essa é uma experiência que não tem palavra, nem som, nem imagem, nem gesto, e

⁴ Poema Mão Dadas de Carlos Drummond de Andrade

inventá-los era precisamente o trabalho a ser feito. A tensão é na coluna, nos pontos de cruzamento entre a *estabilidade* e a *mobilidade*, ou seja, no fluxo do movimento. Sim, pois, quando se problematiza o ideal, não há nada ou ninguém que exerça uma referência absoluta – a confiança no plano das formas, no plano moral, no juízo sobre o real, deu sinais de esgotamento. Logo, ela se sentia muito ancorada, sedentária, triste. Seu passatempo favorito era dicotomizar – evitar o *mal* e seguir o *bem*, evitar o engano e seguir a verdade – um falso preenchimento, que estimula em nós, não uma dança, mas um espírito de gravidade, de pesadume.

Como exemplifica Guattari & Rolnik (2011, p. 38) “Não há uma oposição distintiva, que dependa de um princípio lógico de contradição. Parece difícil, mas é preciso simplesmente mudar de lógica. Na física quântica, foi necessário que um dia os físicos admitissem que a matéria é corpuscular e ondulatória, ao mesmo tempo.” A lógica exclusivamente explicativa e interpretativa na práxis de uma pesquisa estava dando lugar a uma maneira de evidenciar uma dimensão processual e qualitativa – o que precisamente faz dela um território existencial, experiencial (ALVAREZ & PASSOS, 2014). A pesquisadora percebe que a paisagem transforma-se e não é possível dizer quando começou a transformação – somos seres da/na impermanência. É uma questão cheia de surpresas, não se localiza nas origens nem no futuro melhor, e sim, no atual ou no intempestivo.

Ao nos molharmos na chuva estamos implicados, *nos* colocamos em questão. Por isso, sentia medo de duvidar, de estar enlouquecendo, de se desagregar, da pesquisa perder credibilidade, medo de fracassar. O que isso queria dizer? Algo em mim me torna diferente do que eu sou no *encontro* que eu

faço. O que a pesquisadora precisa não era de um novo rosto, algo que merecia reconhecimento, que possuía e controlava, mas, sobretudo, de uma *língua* que registrasse o processo que estruturou os *conceitos que lhe implicavam*. “É que o conceito, creio eu, comporta duas outras dimensões, as do percepto e do afecto. [...] Os perceptos não são percepções, são pacotes de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que os vivenciam. Os afectos não são sentimentos, são *devires* que transbordam naquele que passa por eles, tornando-se outro” (Deleuze 1992, p.175).

Tal gesto seria capaz de fazer mais conexões com muitos outros mundos do que um estranhamento julgador cuja habilitação de mediações conscientes inferioriza e deturpa aquilo que ainda não sabemos como pensar. O impedimento de narrar a si mesma, sua constituição intensiva, sensível, estética, estava sufocada, afinal, o que está por vir já necessitaria de critérios outorgados. Esta é a principal característica de uma subjetividade centrada num estado de ser, numa interioridade, num indivíduo, e desta maneira, entramos numa relação de mediação com nossa capacidade de fazer acontecer, simultaneamente, obedecendo certas referências, imagens, discurso, signos que atravessam o entendimento da experiência e não a capacidade de experimentar.

Larrosa (2015) mostra que na ciência moderna o plano da experiência é tratado de maneira objetivada, homogeneizada, controlada, fabricada, convertida em experimento ou em conceito. Muitas vezes a ciência captura a experiência e a constrói, sob seu ponto de vista e com pretensões de universalidade. Ocorre que a experiência “[...] é sempre de alguém, subjetiva, é sempre daqui e de agora, contextual, finita, provisória, sensível, mortal, de carne e osso, como a própria vida” (LARROSA, 2015, p.40). Algo transitório, volátil,

mutante, finito, singular. Ocorre que, não nos é dado *saber* como explorar o plano da experiência, isto não é imediato, requer parar, *tempo* para sentir, reconhecer e escutar *o que se passa através de nós*. Desta maneira, *pensar*, é estar tomado numa ação ousada que invoca a colocação contínua de problemas e a interrogação do pesquisador implicado, sem perseguir uma finalidade, *inventar* a estrada enquanto avança.

Deleuze e Guattari (1997) denominam tal atitude como a habitação de um território em sua expressividade, e não funcionalidade, pois se assim fosse, os modos de vida e os sentidos vinculados à constituição de um território existencial seriam reduzidos a espaços físicos e respostas motoras que se relacionam. A qualidade e a multiplicidade acabam cedendo lugar à unidade e à generalidade gerando a formulação/manutenção de um sujeito e de um objeto prévios. Assim, rapidamente se poderia produzir um conceito da experiência, talvez até um dogmatismo ou pretensão de autoridade.

1.2.1. Produção do conhecimento na (ad) diversidade

Havia um deslocamento em curso. Um plano afetivo-cognitivo que faz emergir realidades que não estavam “dadas”, à espera de uma observação, mas que se concebem paralelamente somente em relação. A produção de subjetividade aqui não se caracteriza por invariantes estruturais que permitem construções universais sobre a “natureza humana”. A flexibilidade, versatilidade e complexidade desta subjetividade permitem que os sujeitos sejam capazes de gerar permanentemente processos culturais que, bruscamente, modificam seu modo de vida, o que, por sua vez, leva à reconstituição da subjetividade, tanto

social quanto individual. Os novos processos de subjetivação implicados nesses processos culturais se integram como momentos constitutivos do desenvolvimento de uma cultura (GUATTARI & ROLNIK, 2011).

Logo, a partir do momento em que se começa a não *poder* mais pensar as coisas como se pensa, a transformação se torna, ao mesmo tempo, muito urgente, muito difícil e ainda assim possível. Quando já não contamos mais com a mera representação do objeto, com sua restrita funcionalidade, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha complexidade e nos obriga a forçar limites de nossos procedimentos metodológicos. Como diria Preciosa (2010, p.27) “ao varrer as incertezas, isolam-se as ideias estranhas, inclassificáveis, evita-se qualquer sensação de desamparo”. Não é nada fácil desmontar um campo pronto de referências afixado na alma. Esta, no mundo acadêmico, é logo liquidada fazendo uso dos autores e abordagens teóricas, não para *cuidar* da instabilidade do pensar, mas para sedimentar numa “verdade” aquela centelha que poderia estar trazendo algo novo tornando impotente tudo que auxiliaria numa decifração etiológica e ecológica do mundo.

Neste sentido, a pesquisadora reflete que grande parte do modo como agimos e conhecemos se dá sem atenção e valorização ao que *nos* acontece. Por isso, a ideia de experimentar é a porta de entrada de tudo. Mas, não é de qualquer maneira. Não poderia se chamar experimentação esse suposto enriquecimento, instrução, aquisição de coisas, consumo de imagens, discurso, signos, palavras-opiniões. Onde estaria a zona daquilo que tem capacidade de nos tocar? Um espaço para o “não saber o que se quer captar”, e isso não é intencional conforme mostra Guattari (1992, p. 32):

[...] trata-se, aqui, de uma noção de subjetividade que não se prende verticalmente a qualquer “ontologia” particular, ela não reconhece instância alguma de determinação dominante que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca; os elementos que engendram a subjetividade não mantêm relações hierárquicas obrigatórias e definitivas, o que não quer dizer que não haja, a cada vez, em cada situação concreta, uma hierarquia de determinação ou, melhor dizendo, uma hierarquização dos fatores condicionantes dos modos possíveis de subjetivação. Trata-se, portanto, de uma hierarquização intensamente contextual, variando por completo no tempo e no espaço, jamais submetida a uma regra universal da psicogênese ou da antropogênese.

Tal noção ajuda a problematizar a extração da produção de conhecimento constituída numa existência corporal, finita, encarnada, no tempo e no espaço, com outros, pois “[...] não somos aparelhos de objetivar e registrar de entradas congeladas; continuamente temos que parir nossos pensamentos em meio à nossa dor, dando-lhes maternalmente todo sangue, coração, fogo, prazer [...]” (NIETZSCHE, 2012, p.53). Isto não significa negligência ou falta de rigor científico, mas sim, uma atitude de *abertura ao encontro*. As “verdades” que se criam com este tipo de rigor, assim como as regras que se adota para criá-las, só tem valor enquanto conduzidas e exigidas por problemas colocados por diferenças que nos desassossegam.

Segundo Barros e Kastrup (2014, p.59) “é tudo aquilo que impede que o território seja um ambiente composto de formas a serem representadas ou de informações a serem coletadas”. Isso exige de nós piruetas mortais e quase nunca podemos contar com uma cama elástica que ampare as quedas (Preciosa, 2010). Despenca-se, fraturam-se os ossos... como uma força forasteira que esbarra numa espessura processual e nos engaja numa imersão

sensitiva contra uma *moral* de dominação sustentada por antigas concepções substancialistas.

Aqui alfinetamos a hierarquia da razão-corpo pois o pensamento não é somente produzido a partir de um conjunto de informações abstratas ou regras tomadas como um valor em si para se chegar à verdade nem um sistema de verdades tomado com um valor universal. Desta maneira, a problemática deste estudo gira em torno da questão que Nietzsche (2006) coloca quando interpretar o mundo é dar sentidos e valores a ele, contudo, essa criação não é do jeito que a gente quer, não é livre, é constituída por forças e vontades que atravessam nossos corpos. Desta maneira, diluímos o déficit metafísico, ou seja, constatamos que à *superação de uma dicotomia mente-corpo* é *um falso problema*, pois a intensidade da vida não se passa fora desse corpo, e seguindo nesta direção, Nietzsche propõe então colocar em questão o próprio *ideal* e não os dualismos/sobreposições/contradições.

Todavia, colocar toda essa *afeccão* em palavras é extremamente difícil pois aqui estas não serão usadas para explicar, traduzir, convencer, mostrar resultados. *O que é possível é colocar o problema*, ruminar as conexões que ele faz. Dizer o que nos toca, o que nos fez pensar, o que nos acontece, o que se passou em nosso corpo não consegue se expressar de forma pronta, clichê, definida. Tal dificuldade talvez more num legado tradicional educacional onde aprendemos que a nossa capacidade de abstração está *naturalmente* num status de “animal racional” que demanda por competência, autorização, formação. Entretanto, diariamente *sentimos na pele*, em maior ou menor escala, que *pensar* não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”. *O que seria então problematizar?* Escrever e ler o mundo? Talvez o que necessitamos não

seja uma língua em que enunciamos nossos poderes ou nossas impotências, ou em que damos forma à nossa boa vontade, ou em que tranquilizamos nossa boa consciência, mas sim uma língua que nos permita compartilhar com outro a incômoda perplexidade que nos causa a pergunta “o que fazer?” ou as infinitas dúvidas e cautelas com que fazemos o que fazemos. Como propõe Handke (apud LARROSA 2015, p. 65):

O que necessitamos talvez não seja uma língua que nos permita objetivar o mundo, uma língua que nos dê a verdade do que são as coisas, e sim, uma língua que nos permita viver no mundo, fazer a experiência do mundo, e elaborar com outros o sentido (ou a ausência de sentido) do que nos acontece.

Assim, o que aconteceria se considerássemos o corpo como um produtor de realidade sem temer o paradoxo do empreendimento de que, tomá-lo como “*objeto*”, implica retirar seu sentido de substantivo e de “*coisa dada*”? A função essencial do corpo é ser o efetuador da potência do nosso movimento de fabricante – a superfície, *o devir a serviço de um ser próprio* e não de uma meta, do contrário, perde-se a potência de mudar a si e o mundo. A medida em que conservamos o tempo da expectativa, em imagens projetadas, de origem e finalidade, de onde se parte e pra onde se quer chegar, perdemos o processo, o que pode acontecer, a abertura para o que se pode criar, pois tudo que pode sair desse plano instituído, dos signos e significados filtrados pela crítica da consciência, reagimos contra. A gente não experimenta, de fato, porque a gente tem medo que o acontecimento seja injusto com a gente.

Uma experiência outra de conhecimento também é possível e real no processo da produção da subjetividade. Estancá-la significa coagular as fissuras, os acidentes, as mutações, o que consequentemente, nos comprometer na

eterna busca pelo melhor modelo, apontar culpados, julgar procedimentos, falar em nome dos outros, denunciar “irregularidades” de mundos “inadequados”, tutelar o objeto. Em vista disso, que tipo de conhecimento provém de um plano de experiência, de uma realidade corporal, encarnada? Aqui nos deparamos com a *singularidade* que, na pesquisa da subjetividade, adquire importante significação qualitativa o que a impede de identificá-la com o conceito de individualidade de uma existência (GONZALEZ REY, 2001). Seria mais o *modo* como o pensamento *nos* acontece enquanto exercício, vertigem, tensão, respiração, suor, lágrimas, dor, palpitações, na medida em que não se dirige a um objeto, nem persegue uma finalidade se fazendo na aventura em mundos impossíveis, já que o possível é repetição.

Problematizar é um cultivo. O corpo problematiza. Esse cultivo de si é essa zona estética onde tudo se põe em questão, em variação e onde tudo adquire tendências. E qual é o critério? É o que acontece com sua potência (SPINOZA, 2009). Você se fortalece ou se enfraquece? As referências não como ponto essencial, mas como uma espécie de meio, de oportunidade, de ocasião para se abrir cada vez mais, e fazer de si a própria experiência que está diretamente ligada ao campo social, não numa interioridade.

Nossos territórios existenciais não se formam numa essência imutável, numa forma definitiva, mas, muito mais por uma invasão de fluxos de metamorfoses, de devires, que não cabem num organismo, num corpo individual, ou seja, não comporta marcas, depositário de representações, e sim, multiplicidade, processualidade constantes. Logo, “o que há são intensidades buscando expressão e o que se quer é mergulhar na geografia dos afetos, e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem” (ROLNIK,

2014, p. 66). Logo, as coisas que se expressa não tem uma orientação pré-definida mas múltiplas orientações contingentes que se articulam no combate ao que nos separa da experiência de conhecer/transformar o mundo também como *ser vivo*. Existe *um corpo* que abriga sons para serem ouvidos, rompe o delicado equilíbrio, reivindica um movimento errante, não privado de sentido, mas privado de centro. O espaço de sua ocorrência é o da arbitrariedade da linguagem. Uma constante reinvenção de si e do mundo diante da instabilidade e inquietude.



Imagen sem título (Tunga 1952-2016)

CAPÍTULO II

Quem precisa de ordem?

“Informe por excesso de possibilidades, o caos significa por um lado não a desordem mas a multiplicidade de pulsões, o horizonte inteiro de forças. Caos é, portanto, o solo de todas as configurações possíveis do real Uma vez que todas elas sempre surgem através de uma luta que aí tem lugar”

(Casanova, 2002, p. 158)

2.1. Prevenção da vida

A primeira aula foi a única teórica de todo curso de capacitação para formadores de grupos em Lian Gong; as apostilas foram dadas junto com os cds que tinham as músicas. O clima era de uma aula tradicional, somente o professor falava a partir dos slides, ninguém perguntava nada. Todo o discurso do mesmo era sobre a importância da atividade física para o corpo, entendido aqui como um organismo integrado constituído de várias partes que não podem ser estruturalmente separadas e cujas funções interconectadas se influenciam fisiologicamente. Cada parte do corpo tem uma função numa complexa rede de energia, e, “*quanto mais se martela o corpo mais perfeito ele fica*” (sic), assim como, quanto mais intencionalidade se coloca no movimento *melhor* ele fica. Os princípios fundamentais das artes corporais orientais são a intenção, o Chi

(energia vital) e a força interna – tais aspectos precisam estar em harmonia para uma vida equilibrada e saudável.

Se partimos do que foi possível observar a olho nu em todas as aulas do curso de capacitação em Lian Gong seria possível nos restringir a um investimento numa dimensão subjetiva de cuidado do tipo reducionista-biomédica-mecânica. Como se todas as “peças” da engrenagem do corpo pudessem ser modificadas, retificadas, substituídas em caso de defeito, trocadas por outras com melhor desempenho. Como um relógio, o corpo marcaria o tempo, mas não seria afetado por ele. Seria um testemunho dele, bem protegido em sua neutralidade, e não mais a vítima.

A vinculação de práticas corporais com a saúde não é nova. Desde a Antiguidade, o envolvimento regular em exercícios físicos é incluído no conjunto de recomendações orientadas ao cuidado da saúde (GONZALEZ, 2015). O novo nesta discussão é a incorporação das práticas corporais e dos profissionais que trabalham nesse campo às políticas e ações do sistema público de saúde no Brasil. Um subconjunto amplo e diverso de práticas corporais são os *exercícios físicos*. Caracterizados como práticas corporais para melhorar o rendimento, manter a condição física ou modificar a composição corporal, são organizados em sessões planejadas de movimentos, repetidos com frequência e intensidade definida, e podem ter orientações de acordo com uma população específica (ginástica pré-natal, por exemplo) ou atreladas a situações ambientais determinadas (ginástica laboral).

Próximo ao exercício físico, no sentido de que o movimento é organizado pelo *efeito esperado* sobre o praticante, encontram-se as denominadas *práticas corporais introspectivas*, caracterizadas por movimentos suaves e situações de

aparente imobilidade, como é o caso, de acordo com Gonzalez (2016, p.141-142) de “uma determinada postura ou de um exercício respiratório consciente, voltadas para a obtenção de uma maior consciência corporal, como consequência da atenção prestada às sensações somáticas produzidas por essas ações”. Essas práticas podem ser denominadas de diferentes formas: introjetivas, suaves e alternativas, exemplos como: biodança, bioenergética, eutonia, antiginástica, método feldenkrais, Yoga, tai chi chuan, liang gong/ginástica chinesa. Curiosamente, são esses sistemas codificados de movimento os únicos que ganham denominação de *práticas corporais* na literatura da atenção básica da saúde. (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO BÁSICA, 2010, p. 134).

Em nossa sociedade atual de hiperconsumo, como nomeia Gilles Lipovetsky (apud COSTA 2016), a ideia de autocuidado nunca vem dissociada de algum produto, serviço ou evento que devemos obter ou utilizar e que, de forma correlata, se associa à saúde. Não há mais dúvidas sobre o papel que desempenham as biotecnologias atuais. Exemplos são inúmeros, a começar pelo aspecto do que se considera hoje uma vida saudável, que se modificou muito nas últimas três décadas. Desta maneira, não apenas as atividades físicas parecem apontar para a confluência entre saúde e consumo no mundo atual, mas também diversas práticas corporais se inserem na cadeia dos produtos oferecidos para ampliar o bem-estar e garantir uma vida saudável.

Em todos os casos, um corpo saudável é algo que se deve buscar, seja com muito esforço, como no caso dos atletas, seja com esforço associado à ideia de prazer e satisfação pessoal, como no caso da maioria das pessoas. O fato

marcante é que não habitamos mais a época em que a saúde era um estado cotidiano longe da doença, mas sim uma condição que devemos buscar incessantemente, dentro de seu novo campo semântico, de vida saudável e de estado de bem-estar, seja através de condutas sustentáveis, seja por meio de atividades físicas. Tal é o fantasma subjacente a numerosas pesquisas e práticas que se estendem tanto mais quanto a negação da morte e a obsessão com a segurança crescem e se reforçam mutuamente.

Boa parte dos estudos em antropologia dos corpos (HERTZ, 1980) exprimem duas ideias fundamentais vocacionadas a orientar as atualizações histórico-coletivas, que se (re) produzem em modos de vida. Primeiro, a de que o corpo humano é por excelência uma expressão simbólica da própria sociedade, de cada sociedade. Depois, a de que qualquer sociedade se faz fazendo os corpos daqueles em que ela se materializa.

Marcel Mauss (antropólogo e sociólogo francês – século XX), através da comparação entre culturas diferentes, demonstrou como as “técnicas corporais” — os modos de caminhar, dormir, escavar, nadar, parir, sentar, comer etc. — variam de uma cultura para outra. Ele sugere que essas técnicas poderiam ser abordadas como um “fato social total”, ou seja, como um fenômeno que engloba diferentes dimensões da experiência social e individual (incluindo o psicológico e o social, além do biológico). Esses atos serão descritos a partir do conceito de *habitus*, definido por Mauss (2005) como produto da “razão prática” coletiva e individual, variando socialmente e historicamente.

Depois de expor formas diferentes de classificar os atos e as posturas corporais (sexo, idade, rendimento, transmissão das técnicas, os diversos momentos da história pessoal), Mauss conclui discutindo a forte “causa

sociológica” para esses atos comandados pelo social e cujas técnicas teriam como objetivo o controle do corpo (inibindo os movimentos desordenados). As técnicas corporais — segundo Mauss (2005, p. 401), são “as maneiras como os homens sabem servir-se de seus corpos” — fazem parte das representações coletivas, e são formas pelas quais a vida social se inscreve em e se utiliza desse “mais natural instrumento” de que dispomos.

Entre as ciências humanas da Modernidade, o corpo humano é socialmente concebido, cumpre uma função ideológica, e ao analisarmos sua representação social é possível se aproximar de numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade particular. Entretanto, perseguir uma história do corpo é uma tarefa arriscada e imensa. Sant’Anna (2005) sugere que talvez seja mais instigante e viável realizar investigações sobre algumas das ambições de *governá-lo* e *organizá-lo* devido a possibilidade de acompanhar fragilidades e potências, expressando especificidades e generalidades culturais.

Ainda de acordo com a referida autora, quando se pesquisa o corpo por meio de uma de suas inúmeras vias – a saúde, a educação, o esporte, o trabalho, a culinária, etc, se mantém uma questão geral “como uma dada cultura ou um determinado grupo social criou maneiras de conhecê-lo e controlá-lo?” Aqui temos um campo de discussão sobre a produção de saberes e técnicas não somente dos aspectos negativos, disciplinares, recalcados, abstratos, mas sobretudo, do movimento de uma experiência material, de uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade.

Diante disso, há de se considerar os processos ligados à *vida* dos indivíduos, levando-se em consideração as diversas formas de intervenção nesses processos que colaboraram para a construção de sua subjetividade.

Procedimentos estes que garantem não apenas uma disciplina, voltada para o homem enquanto indivíduo, mas, igualmente, uma regulamentação, que age sobre o homem como coletividade, como população. Pautados numa visão empreendedora, reguladora, capitalista, é possível encontrar suas expressões nas metodologias de poder atualmente em vigor, que funcionam não pela punição, não pela morte, mas pelo rigoroso controle dos processos produtivos, dos processos vitais, exercendo-se em condições e formas que se projetam para além do Estado e de seus aparelhos.

Neste sentido é que a história do corpo se confunde com a história do indivíduo pois, desde os séculos III e IV, o homem ocidental começou a tecer relações especiais com o “divino” e, por isso, a viver uma experiência de si e não apenas uma “preocupação de si” (FOUCAULT, 1984). O “*Penso, logo existo*” reduziu o homem a uma substância pensante, a uma essência, uma subjetividade (eu) cujo predicado é a *consciência*. O resultado disso é uma consciência subjetiva colada a existência de um indivíduo que nada mais é que o resultado de uma produção de massa; momentos em que a subjetividade se reconhece num corpo ou numa parte de um corpo, ou num sistema de pertinência corporal coletiva. Sob este aspecto, Spink (2007) sinaliza que a organização dos serviços e a crescente medicalização da sociedade tendem a fazer circular múltiplas versões de cuidado com o próprio corpo que situam os sujeitos em posições potencialmente conflitantes: como cidadãos de direitos, como consumidores ou, ainda, como seres racionais, informados e aptos a fazer opções, refletindo sua identidade na empregabilidade de uma *interioridade*, num corpo-esponja, que absorve e carrega suas marcas.

Refletindo dessa maneira, a pesquisadora estava engajada nas representações e expectativas quanto ao mundo que a esperava, fazendo assim descrições intelectuais que diziam mais dos rótulos e estereótipos do que a da experiência que se avizinhava. Essas impressões eram reforçadas, especialmente, quando sentia falta de *discussões* sobre tudo aquilo que estávamos “aprendendo” pois quando havia dúvidas apenas era sugerido repetir, repetir, repetir até fazer o exercício corretamente.

Os movimentos eram precisos, realizados em pé sem se deslocar muito do lugar. Na gravação da música existiam comandos do locutor indicando cada passo e a quantidade de vezes que se deve fazê-lo, incluindo uma marcação de voz para toda vez que mudar a sequência dos passos. Suaves, firmes, sem conversa entre as pessoas, imitávamos o professor e ainda assim imprimíamos gestos particulares ao fazer o movimento. Na última parte do exercício era realizado algumas coreografias que fazem referência a figuras ou lugares chineses. Ao terminar, emitia-se um grito “Rá” e se desejava uma ótima semana. Algumas das integrantes falavam que tudo aquilo era muito bom para manter o equilíbrio e a concentração.

O calor infernal e o improviso da arrumação do salão naquele espaço emprestado pelo Sindicato dos Eletricistas dispersava por muitas vezes a nossa atenção – éramos vinte e três mulheres e um homem, sendo a maioria agentes comunitários de saúde (ACS), duas fisioterapeutas e uma técnica em vigilância sanitária (ver anexo D). Grande parte dos participantes não conhecia o Lian Gong e dentre as motivações para realização dessa curso estavam: ajudar as pessoas, sair do sedentarismo via implementação dessa técnica nas suas unidades de saúde a fim de melhorar a qualidade de vida da população, fazer

algo que não dependesse de muitos recursos materiais/custos, além de suprir a curiosidade de aprender algo novo/estimulante para poder trabalhar de forma mais gratificante e reconhecida. *Tais justificativas são comuns a todos nós profissionais de saúde*, pensou a pesquisadora se sentindo imediatamente implicada.

Logo, havia um reboco a mostra, uma rachadura nessa paisagem. A medida que os diálogos eram extremamente escassos nas aulas, os gestos e expressões de toda ordem eram incontroláveis, apesar do repetitivo reforço físico. Eis algumas das frases que escapavam no ar como: “é preciso dinamizar o Lian Gong, senão as pessoas desistem, tem que criar coisas pra fazer com o grupo” (sic ACS) “É imprescindível que o indivíduo tenha força de vontade, intenção no exercício” (sic enfermeira) “fazer Lian Gong é investir numa atitude de autocuidado que as pessoas devem ter” (sic fisioterapeuta).

O atual ideário de saúde e bem-estar é resultado de um processo abrangente, de âmbito mundial, que envolve tanto aspectos macroeconômicos como modificações nos valores culturais que confluíram para a legitimação da responsabilidade individual por todas as condições de existência, inclusive por aquelas advindas das circunstâncias sociais (MORAIS, 2014). O autocuidado em matéria de saúde faz parte de uma conduta racional da gestão de si, como se o sujeito fosse uma empresa, legitimada por um ideal de bem-viver, que pressupõe a autodisciplina corporal e emocional para maximização da vitalidade ou do capital humano.

Neste sentido, o governo de si implica num exercício cotidiano de ação sobre si mesmo seja em relação aos alimentos consumidos, à prática de exercícios, à mudança de hábitos, seja em relação ao modo como nos

comportamos diante do meio ambiente. Aliado a propagação nos meios midiáticos das diversas inovações no campo das biotecnologias e estudos da genética, o conceito de autocuidado passou, gradativamente, a ser entendido no interior da esfera mais ampla da vida saudável ou estado de bem-estar.

Costa (2016) enfatiza que a articulação entre um campo de enunciados biopolíticos, juntamente os enunciados com base na ciência, se prolongam num conjunto de práticas de governamentalidade, de governo de condutas individuais, que são tanto as próprias condutas de cada indivíduo, como aquelas que cada indivíduo passa a exigir dos outros. Têm-se, com isso, o desenho de uma *sociedade de controle* extremamente sofisticada. Mergulhados numa ética da culpa e da tristeza, os modos de subjetivação narcísicos individualistas, investem num *status social* atraente. São acessíveis a qualquer um que seja capaz de alcançar o gozo no ilusório controle através do consumo de um sistema de significações que lhe dá segurança e o faz agir. É o suficiente para a manutenção de um sentimento de transcender por um projeto ou um ideal a realizar cuja nutrição está na necessidade de “referências duras e estáveis” para solidificar sua psique. É preciso demonstrar um ego forte, um corpo sempre em aperfeiçoamento, rentável e útil, para evidenciar um projeto de medicina, ou seja, a transformação ideal dos corpos como missão de todos.

Teixeira (2001) já havia chamado a atenção para o que pomos efetivamente no mundo como objetos técnicos no campo da saúde pois não são meramente tecnologias materiais, mas grandes sistemas compostos e complexos, indistintos e indissociáveis de técnicas e signos, que viabilizam agenciamentos tecnosemiológicos cujo objetivo *não* está separado da produção de um sujeito autogovernável, estável e útil. Por exemplo, quando algum

integrante do curso não fazia o exercício corretamente era atribuído a falta de treino, de atenção a si, de dedicação, informação, aspectos que cotidianamente se refletiam no trabalho desses profissionais de maneira geral, pois, esses consideravam que grande parte da precarização do sistema de saúde, dentre outros aspectos, deve-se ao fato dos usuários não se esforçarem para cuidar da sua saúde e/ou ao péssimo desempenho das campanhas de conscientização.

Não havia nada o que estranhar, o corriqueiro simbólico do nosso trabalho: o investimento dialógico na forma de orientações, campanhas, palestras, a fim de suprir *a falta de consciência do indivíduo* para uma saúde ideal, desta maneira: “*podíamos organizar panfletos, fazer visitas nas unidades de saúde assim como na casa das pessoas, pois não é fácil... não vou tirar uma hora do meu dia para fazer algo que não entendo, não sei a filosofia do Lian Gong... as pessoas tem que lavar roupa, deixar filho na escola... é preciso conscientizar para a importância e benefícios que essa prática corporal oferece*” (sic fisioterapeuta). E todos nós aceitávamos isso sem nenhuma problematização, essa *hierarquia* da valorização da linguagem. O que estava acontecendo, portanto, era uma atualização de sentidos e valores dos nossos corpos individuais refletidos. Deste modo, o cuidado com o corpo é pautado numa *lógica de escolha* (MOL, 2008) que racionaliza a condição humana, negligencia as diferenças, e traz o problema para o indivíduo, interiorizando sua decisão. Esta abordagem assume que a realidade em que vivemos é independente e anterior a nossas ações e percepções, sendo constituída por relações claras, definidas e povoada por objetos singulares que permanecem os mesmos, seja qual for o lugar de sua percepção.

Nietzsche (2006) chama de *vontade de potência*, o que determina a escolha do ponto de vista afirmativo e ativo, a seleção e a produção da memória de futuro. Isso é o que comanda em nós e é o que captura em nós porque também investimos no poder, no consumo, na imagem, no signo, no espelho, pois aparentemente isso nos dá direito ao futuro, a se manter ligado, consumindo e se enriquecendo, investindo numa medida exclusivamente antropológica no viver. Então essa vontade de potência vira vontade de poder, e viramos reféns de uma referência. Afinal, “estar bem na própria pele”, “tornar-se saudável”, afastar a dor, provar a si mesmo e aos outros que o autocuidado é a condição que testemunha nossas capacidades, nossa juventude, faz-nos crer em nossa imortalidade. Uma equação simples: corpo dinâmico = energia física = energia psíquica = aptidão ao sucesso individual = aptidão à utilidade social.

É um modo de se capturar a decisão e a escolha. As consequências da efetuação de espaços pedagógicos *sem diálogo* entre a normatividade morfológica das tecno-ciências e de uma noção de cuidado que está “para além das suas implicações para a formulação das políticas de saúde, para a gestão dos serviços, para a formação e supervisão técnica e ética dos profissionais” (AYRES, 2004, p.22), uma normatividade de outra ordem, oriunda do mundo da vida, são desqualificadas diariamente. A esse respeito, Fuganti (2016, Aula I p.6) sinaliza e traduz:

[...] O que é experimentar para nós? Geralmente é se apropriar de algo, saber usar, ter uma disponibilização à medida que aumentamos o contato com o objeto em experiência. A gente vai experimentar porque acha que vai se enriquecer. [...] Há uma dimensão imperceptível que sabota a experimentação e o que se coloca no seu lugar é o consumo. Nós consumimos imagens, sensibilidades,

sentimentos, sensações, afetos, sempre do ponto de vista de uma imagem. Os afetos sobre a imagem são paixões e sofrimentos, no melhor dos casos, é o que consumimos. Muitas imagens, muitos signos, discursos, muitas palavras, muita instrução, muita formação [...] O que a gente chama de experimentar é, geralmente, consumir referências, autorizações, reconhecimentos. A gente geralmente consome aquilo que, justamente, nos devolve poder, e não potência.

Assim, seguimos dando medida ao que se passa, ao invés de criar valores. É como se *evitássemos experimentar a vida* (essa presença em nós que, contrariamente, consideramos uma espécie de entidade, um regime de demandas extrínsecas). Inúmeras técnicas, costumes e mecanismos, mesmo depois de tantas contraposições à tradição do pensamento platônico, ainda consideram o *sentido intensivo da realidade* um inimigo, fonte de confusão, punição, fraqueza, bestialidade, impulsividade, paixão, prisão da mente, impeditivo de “fazer o bem”, de buscar a felicidade-verdade, especialmente, quando não conseguimos efetivar as metas e conquistas almejadas.

2.1. E o corpo ainda é pouco... O pulso ainda pulsa

Ao passo que a pesquisadora localizava essas questões, olhava também para o medo de ver o outro, o medo de transgredir, o medo de um paradoxo, do que ainda não tinha sentido. Sentiu que o que está em jogo neste caso é a *decifração da linha de força*, e não da coisa em si. O si, tal como é entendido, é menos uma substância que uma “multiplicidade de correlação de forças” (FOUCAULT, 1988). Desta maneira, continuar uma investigação sobre *o que e como se faz usos dos corpos* perdia todo valor. Instalou-se aí um modo de ser e também um modo de adoecer. Não estava conseguindo se proteger.

Houve um dia em que muitas pessoas faltaram ao curso. No intervalo, uma das ACS comentou que gostava muito do Lian Gong porque é uma oportunidade de realizar uma tarefa devagar, e isso é muito diferente do seu dia-a-dia, pois fazemos tudo sempre correndo, mas, mesmo assim, “*praticar Lian Gong também cansa*” (sic). Outras pessoas faziam até certo ponto da aula e depois ficavam sentadas nas cadeiras. Outras chegaram a comentar que até o professor do curso estava cansado. Ele mesmo uma hora bradou: “... *nada de chorar! Precisamos ser persistentes, os resultados, os benefícios compensam!*” (sic). A tensão gerada passava por aí. A pesquisadora se perguntava: *porque investimos nossos afetos numa direção tão contrária a expansão da vida? Porque forças tão reacionárias impulsionam nosso cuidado com a saúde?* Não obtinha resposta pronta. E sentia-se muito cansada também.

Neste direcionamento, a problemática desse pesquisar aqui sofreu nova reviravolta: não dizia respeito ao uso do Lian Gong, nem sobre como a mediação dessa prática corporal pode elucidar acerca das lógicas sociais e culturais, nem sobre os expoentes do cuidado. De forma bastante abrupta os vetores de singularização apareciam, ordenando a uma indissociabilidade processual. Eis aqui o cerne da questão: quando pensamos o próprio *processo do pensamento*, muitas vezes sem saber, somos implicados a desconstruir nossa cumplicidade para acusar o outro ou a nós mesmos. De que maneira? Implicando fatalmente a desconstrução de si, parando de combater fantasmas, aquela condição interiorizada do indivíduo em nós. Não se trata de autoajuda nem de uma decisão definida por estilos de vida disponíveis no mercado. Deste ponto de vista, não se trata de convocar os aspectos técnicos e teóricos para nos iluminar ou até mesmo falar por nós – estes servem como ferramenta para fazer conexão, para

desconstruir tudo que obstrua nossas forças criadoras. Tem mais haver com uma ação, um exercício de descolar de nós aqueles valores que nos deixam cansados.

O registro dessa tessitura, logo, não era da ordem do visível e nem do oculto, mas sim, de *ressonância* – como essa prática social nos toca? O que esta nos permite pensar, nos permite dizer e nos permite fazer? Há um deslocamento em curso. De quem? Do quê? Em qual direção? Não sabemos ao certo. É uma cartografia coletiva, inacabada, movente, que indica pontos de estrangulamento através dos quais, nos avessos do *nihilismo biopolítico*⁵, se liberam outras energias, visões, noções. Não se trata, portanto, de saber “quem fala”, nem “de qual lugar se fala”, talvez nem mesmo “do que” se fala, mas sim, como sugere Guattari (1992), “o que fala através de nós”.

Desta maneira, os encontros entre a pesquisadora e os servidores públicos municipais eram empurrados a uma afetação, uma experiência, posto em movimento por outras entidades humanas e não-humanas. Nossos corpos naquele curso de capacitação traziam inquietações que seriam facilmente desqualificadas caso não escutássemos nosso cansaço no processo do pesquisar. O que estaria tanto a nos cansar? Parecia que a subjetividade tinha se restringido ao corpo, o *eu* era o corpo. Sua aparência, sua longevidade, sua saúde, sua performance. Como indica, Pelbart (2013, p.28):

⁵ “Pode surpreender que um problema tão europeu como o ‘nihilismo’, ocupe-nos hoje nos ‘trópicos’. A urgência da tarefa deve-se a pulsilanimidade crescente em que convivem um alargamento indefinido dos modos de rebaixamento e monitoramento biopolítico da vida e uma imensa dificuldade em extrair desse contexto a variabilidade das perspectivas, dos modos de existência e de resistência que ela poderia suscitar.” (PELBART, 2013, p.13)

Estamos às voltas, em todo o caso, com o registro da vida biologizante... Reduzidos ao mero corpo, do corpo excitável ao corpo manipulável, do corpo espetáculo ao corpo automodulável – é o domínio da vida nua. Continuamos no domínio da sobrevida, da produção maciça de ‘sobreviventes’ no sentido amplo do termo.

Assim, nosso cansaço, por vezes, era interpretado como o sacrifício necessário para se chegar num resultado esperado, embora não aguentávamos mais essas formas de adestramento e de disciplina que vinham de fora, e também, aquilo que vinha de dentro, pois, a normatividade da fabricação do indivíduo resulta em sua interioridade, e assim, essas mesmas formas se impõem ao *dentro* desde que se cria um *agente* para as agir. Uma visão de mundo que mais cedo ou tarde todos irão se submeter, pois é o ponto central desse sistema capitalista – a capacidade de auto-observação, de se fazer objeto de si mesmo; uma habilidade que virá a possibilitar o autocontrole, a auto avaliação, a boa apresentação de si, a observação silenciosa de si e dos outros e, por conseguinte, uma estranha e paradoxal insensibilidade de si, de uma ação de si para si, de uma maneira de ser. Muralhas entre pessoas. Muralhas interiores.

Segundo Lapoujade (2010, p.84) “neste instante, a relação muda de natureza; ela deixa de questionar a resistência do corpo no adestramento e o transforma em assujeitamento”, como se fosse desenvolvido em nós um constante gesto de eterna vigilância aos princípios de manutenção daquilo que já se sabe (pensamento de conservação), a fim de estar mais ligado a uma defesa para com o adestramento, e simultaneamente, a uma conformação ao mesmo.

“Senhor cidadão
 Senhor cidadão
 Me diga, por quê
 Me diga por quê
 Você anda tão triste?
 Tão triste
 Não pode ter nenhum amigo
 Senhor cidadão
 Na briga eterna do teu mundo
 Senhor cidadão
 Tem que ferir ou ser ferido
 Senhor cidadão
 O cidadão, que vida amarga
 Que vida amarga

*Oh senhor cidadão,
 Eu quero saber, eu quero saber
 Com quantos quilos de medo,
 Com quantos quilos de medo
 Se faz uma tradição?”*

(Tom Zé)

O que a estaria assediando? Algo que chega como “[...] pontos de inflexão que se insinuam de maneira às vezes imperceptível os contragolpes minúsculos, mas também as explosões multitudinárias que denunciam o que caducou (valores, estilos, problema) ao mesmo tempo que deixam entrever novos desejos e necessidades (PELBART, 2013, p.47)”. O contato com a exterioridade veio na forma da insistência psicológica de dominar e se reconhecer numa determinada forma, e claro, almejá-la. A frustração aconteceu e o ressentimento só aumentava, gerando para si todo micro fascismo e para com os outros também. Um corpo entupido, no pensamento e na vida, por discursos-verdade.

Qual seria então uma relação entre a consciência e a qualidade relacional de um corpo? Deleuze (2002, p.28) sinaliza quando diz:

O que é o corpo? Nós não o definimos dizendo que é um campo de forças, um meio provedor disputado por uma pluralidade de forças. Com efeito, não há “meio”, não há campo de forças ou de batalha. Não há quantidade de realidade, toda realidade já é uma quantidade de forças. [...] Toda relação de forças constitui um corpo: químico, biológico, social, político. Duas forças quaisquer, sendo desiguais, constituem um corpo desde que entrem em relação.

Nessa perspectiva, o corpo é considerado como um *fio condutor* e ponto de partida para investigação de processos de produção da subjetividade. Essa é a batida, pensava. A pesquisadora se percebia imersa num paradoxo: como dar língua aos efeitos dos corpos sem arrastar imediatamente as habituais discussões sobre idealismo e holismo? Como trazer um sentido ao que nos toca sem partir de um “eu-perceptivo”? O que fazer com todas as tentativas em vão de menosprezar os desassossegos de algo que pedia passagem no seu corpo?

2.3. Metafísica da carne

O que essas palavras ajudam a contar é o quanto somos cúmplices de uma emergência em aniquilar ou entorpecer aquilo que não se sabe, do que não se pode, do que não se quer, do que não depende de nosso saber nem do nosso poder, nem da nossa vontade (AGAMBEN, 2015), ou seja, *aquilo que nos afeta*.

O que se poderia dizer sobre o afeto? Aqui reside a principal contribuição de Spinoza à Psicologia, a relação positiva entre o poder que tem um corpo de ser afetado, na forma de emoções e sentimentos, e o seu poder de agir, de pensar e desejar. E como mente e corpo são uma mesma e única coisa, as afecções do corpo são afecções da alma, sem hierarquia ou relação causal entre

eles. O que aumenta ou diminui a potência de meu corpo para agir aumenta ou diminui a potência de minha alma para pensar. Dessa flutuação depende a minha força vital de resistência, o que equivale à qualidade ética de minha existência. Nessa concepção, os afetos não são estados psicológicos ou construtos linguísticos, mas condição e fundamento do ser e existir, portanto, da ética cada um julga assim, ou avalia, segundo a sua afecção, qual é a coisa boa e qual é a má, qual a melhor, qual a pior (SPINOZA, 2009, Parte III, Prop. XXIX, Escólio).

Spinoza fala em essência sem ser essencialista. Sua concepção de essência não é deiscência, uma tendência natural que se realiza por si e como causa de si. A potência de conservação é também poder de ser afetado, o que significa que ela, apesar de ser irreprimível, varia de intensidade, a depender das intersubjetividades que me constituem, isto é, das afecções (*affections*) que meu corpo e minha mente sofrem nos bons ou maus encontros do passado, do presente e do futuro. Afeto (*affectus*) é justamente essa transição de intensidade, é *transitio*, passagem de um estado de potência a outro (SPINOZA, 2009, parte III) gerada pelas afecções (*affections*) que meu corpo e minha mente recebem na existência. Portanto, ele tem duas dimensões: a da mudança, modificações que meu corpo e minha mente retêm na forma de emoções e sentimentos (*affectus*), e a da experiência da afetação (*affection*), isto é, a do poder de ser afetado.

Spinoza esboça uma terapêutica das paixões no final da Parte V da *Ética*, cujo princípio orientador é o de que a paixão, embora seja da ordem da ilusão, não pode ser vencida pela razão, pelo simples fato de que razão e emoção não são funções distintas e independentes, ao contrário, operam juntas e em simultâneo. Portanto, *razão sem afeto é abstração*. É importante lembrar que

Spinoza é racionalista, mas não dualista (DELEUZE, 2002). Para suprimir uma paixão, a razão precisa ser uma afecção. O conhecimento do bem e do mal puramente discursivo não prevalece sobre as paixões, pois é uma abstração que não nos une aos objetos. Apenas a fruição de um bem maior pode nos livrar da paixão.

Deleuze (2002, p. 106) retrata bem esse processo ao explicar a concepção espinosana de tristeza: “na tristeza, nossa potência (*conatus*) serve toda ela para investir a marca dolorosa e para destruir o objeto que a causou. Assim, imobilizada, nossa potência só pode reagir e não agir”, torna-se potência de padecimento, reduzindo nosso esforço de perseverar na própria existência ao *sobrevivencialismo* negador da vida. Bloqueia o poder do corpo de afetar e ser afetado, rompendo os nexos entre mente e corpo, entre as funções psicológicas superiores e a sociedade.

Isto significa que, nesta situação de servidão, somente quando os limites impostos à potência de vida pela paixão forem sentidos como afeto de tristeza, a expansão de meu corpo for sentida como alegria e a ignorância for experimentada como tristeza, daí nosso corpo e nossa alma passam a desejar conhecer as causas de nossos atos e de nossas necessidades, passando da paixão à ação. Ao compreender a natureza de nossas emoções, nós nos tornamos livres das ideias inadequadas (superstições) e sentimos alegria.

Contudo, os devires e os processos de diferenciação nos escapam, e neste sentido, tornam-se inimigos fundamentais. Há séculos, há milênios, e a cada nascimento ou ciclo de vida, essa história se repete. As formações humanas, através de seus modos de viver e de pensar, inventaram e ainda conservam e cultivam *uma tendência* em investir e aplicar *tempos* e *movimentos*

que nos afastam cada vez mais do gosto pelas afetações criadoras, alegres, ainda que, mesmo com o protesto do nosso corpo intenso, desconfiemos do que poderia ser um modo de pensamento afirmativo, desejante das potências de variar e instaurar novas dimensões existenciais. Com isso continuamos nos afastando também, cada vez mais, da capacidade de acontecer. Acontecer como produção de realidades inéditas, numa experimentação direta, sem o piedoso comando das estruturas da representação humana. Desta maneira, os processos de singularização continuam sendo esmagados por processos de idealização.

Modos de vida singular não são necessariamente uma representação, mas um dispositivo de expressão de afetos. Por isso, é impossível descorporificar o social, pois é impossível purificar o espaço político de todo afeto. A instauração de mediações sociais que vão compondo as formas de existência social comum configuram um corpo dotado de unidade, de vontade consciente, de um *eu* comum. Daí a defesa de uma integridade da figura do indivíduo (sua privacidade e integridade como horizonte, ao mesmo tempo último e fundador, dos vínculos sociais).

Sob este aspecto, Safatle (2016, p.19) destaca:

A defesa da integridade individual não significa, no entanto, apenas a elevação da conservação da vida à condição última de legitimação do poder. ‘Integridade’ significa aqui também a soma de predicados que posso e que determinam minha individualidade, os predicados dos quais sou proprietário. [...] Por isso, não seria equivocado afirmar que sistemas políticos que se comprehendem como fundamentados na institucionalização de liberdades individuais são indissociáveis da gestão e produção social do medo.

Por força desta gestão dos desejos e medos, consomem-se mundos ofertados e desenraizados das demandas e dos perigos reais, diminuindo nossa capacidade de agir fora dos modelos propostos e produzindo modos de atuação defensivos que se querem intolerantes à incerteza e ao risco (VICENTIN, 2016). A expressão de uma vida social é, portanto, indissociável das modalidades de produção de um corpo político, pois o corpo é uma maneira de experimentar o tempo. Destarte, todo o contorno de um “corpo humano” constituiu-se num tempo projetado ora num paraíso após a morte ora num futuro melhor, a fim não nos deixar desamparados. Ocorre que, nosso tempo contemporâneo capitalístico age em nosso nome - vivemos como indivíduos que internalizam um ressentimento pelo absoluto e pelas imagens perdidas que elegemos como autorizantes de uma forma melhor de viver.

É a tal subjugação ao si mesmo – a ilusória busca pela emancipação do pensar através de um sujeito que tudo entende, tudo opina, tudo informa, e acredita que através dessa acumulação receberá a aprovação/autorização para o fascinante exercício de julgamento sobre a vida, do poder de dominação sobre ela, evitando assim sua potência de renovação, expansão, transmutação. A mediação indivíduo-sociedade vai fechando os canais de passagem, pois, vamos apenas desenvolvendo mais canais operacionais que não transmutam as formas, que faz com que a gente fique a demandar mais conteúdo, não investimos naquilo que *vem do imediato* do pensamento, das afecções com tudo a nossa volta. O desafio aqui está lançado: lidar com uma ferida aberta do narcisismo moderno-contemporâneo pois é evidente o quanto é difícil perceber que a nossa vontade ou nossa consciência das coisas muito pouco é capaz de controlar no mundo e em nós mesmos.

Logo, a estrutura de *um corpo* é a composição da sua relação. Conectar-me com as intensidades que me atravessam e me constituem. Um corpo na sua capacidade de afetar e ser afetado, novos sentidos e valores podem ser gerados, mas de forma transdisciplinar. Segundo Passos e Barros (2000, p.106):

Entendemos por transdisciplinaridade esta atitude crítica que, para além de entender que o objeto do conhecimento é produzido histórica e regionalmente, aponta que não pode haver para ele garantia ou fundamento último. A invenção das estratégias de produção do conhecimento só pode derivar, portanto, da conjunção de elementos heterogêneos, teóricos e metodológicos, mas também econômicos, políticos, afetivos, éticos, estéticos que, em um registro histórico específico, estabilizam uma configuração subjetiva e a apresentam traçando o plano de constituição dos saberes, sua fundação, as condições de possibilidade de seu engendramento e não seu suposto essencial.

Sobre como afetamos e somos afetados, é disso que se trata. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado. Mas como dizer o corpo? Como dizer o *indizível*? Estado de germinação, estado de ser, de individuação – aqui é o estado pré-primitivo - aquele que acontece antes de qualquer produção estável, campo de velocidades, campo intensivo, campo de comunicabilidade sutil. A atenção aos sinais vitais podem nos implicar na discriminação do que pode expandir ou se fechar numa produção social/política. Compor no cotidiano tem um tempo outro, um corpo outro, que nos atravessa, necessariamente. Como numa erupção, as vozes de faca cortando como o riso da serpente, os sons de sins.

Aqui a verdade da razão, gerida por estabilidades e totalidades revela ser um território falido (PRECIOSA, 2010). Existe algo que contagia os corpos, faz a vida germinar, a que lhe é própria, sua luta, suas dores de expansão, completamente diferente das dores, da luta por um enquadramento, pela superação de uma falsa dicotomia mente-corpo. A questão da experiência aqui é essencial porque ao mesmo tempo em que é porta de entrada do que nos atravessa, é pela qualidade da experiência que aquilo que nos atravessa também se torna um produto da própria natureza em nós ou um produto de alguma separação de nós mesmos, enquanto produto de uma instância negativa que nos bloquearia (FUGANTI, 2016).

Valorizar, portanto, as sensações que atravessam esses corpos, como campo de forças, que se faz presente nos nossos corpos na forma de sensações que não são representadas e que nos obrigam a criar um sentido para a tensão que isso provoca - é um outro jeito de contato com a produção de realidade, produção de pensamento via afecções entre os nossos corpos. Não é como o mundo me afeta, pois aí centramos o pensamento no indivíduo, tem mais haver com ritmo vital, experiência que movimenta, campo intensivo (ROLNIK, 2004). A qualidade virtual do corpo em que o presente é uma força. O querer da força é o virtual da força, que é uma potência. Potência e força são nuances, são distinções, não se usa no mesmo sentido.

A pesquisadora logo conjuga que *emancipação humana* se coloca pela capacidade de liberta-se do individualismo perverso e deixar-se afetar pelo outro. Condição humana, portanto, é a possibilidade de ser atravessado pelo outro, o efeito dele em nós, não uma fusão ou sobreposição, mais um relacionamento heterogêneo, um ambiente de mistura, um meio como mestiçagem. Tal ensejo,

implicaria numa vulnerabilidade que está lá queiramos ou não. O destino dela, a favor da vida, é que precisa ser direcionado. Um sujeito-outro na condição de corpo afetado pelas forças do mundo; um corpo que sofre dos seus encontros, de suas afecções, da alteridade que o atinge, da multidão de estímulos e excitações.

*De vez em quando
 todos os olhos se voltam pra mim,
 de lá de dentro da escuridão,
 esperando e querendo
 que eu seja um herói.*

*Mas eu sou inocente,
 eu sou inocente,
 eu sou inocente.*

*De vez em quando
 todos os olhos se voltam pra mim,
 de lá do fundo da escuridão
 esperando e querendo
 que eu saiba.*

*Mas eu não sei de nada,
 eu não sei de ná,
 eu não sei de ná.*

*De vez em quando
 todos os olhos se voltam pra mim,
 de lá do fundo da escuridão
 esperando que eu seja um deus
 querendo apanhar, querendo que eu bata,
 querendo que eu seja um Deus.*

*Mas eu não tenho chicote,
 eu não tenho chicote,
 eu não tenho chicó.*

*Mas eu sou até fraco,
 eu sou até frá,
 eu sou até frá.*

Todos os Olhos

(Tom Zé)

CAPÍTULO III

Os profissionais de saúde em nós

“... como eu não tenho as condições que podem expressar a potência que se diferencia em mim, não tenho superfície, fico presa num ideal do horizonte do desejo, e coloco um eu organizador do corpo, eu-moral, sabedor da lógica e da linguagem racional, individual, no lugar da potência de acontecer, me torno um sujeito desejante de reconhecimento, de autoridade e ser autorizante, um sujeito legislador. Kant acha que liberdade é isso, já Nietzsche vai dizer que grande coisa! Não seria mais escravo de Deus, do Estado, agora seria escravo de si mesmo!”

(citação do diário de campo da pesquisadora)

3.1. A casa caiu

A discussão sobre o corpo, seu cuidado, seu tratamento e sua educação, na atualidade, é alvo de uma grande quantidade de estudos. No entanto, Rodrigues (2006) sinaliza que, mesmo sendo possível encontrar uma sensível escassez de reflexões que se debrucem sobre a corporeidade à luz das transformações dos processos do trabalho, muitos pesquisadores, professores e interessados em geral, restringem suas discussões ao bojo da saúde pública/ocupacional. Contudo, a natureza da questão é bem mais ampla.

De acordo com Rodrigues (1999), foi na transição do corpo coletivo para o corpo individual (era capitalista) que se fomentou a representação moderna dominante deste na sociedade ocidental. Na cultura popular medieval o indivíduo se diluía no corpo social, no cósmico e no universal. O contexto corporal era público, a sensibilidade corporal se dava a partir de toques espontâneos, gestos destemidos, corpo expressivo, indisciplinado, transbordante, promíscuo. O corpo-ferramenta da era capitalista foi definido pelos músculos, força, resistência, disciplina e rentabilidade.

Sob este aspecto, Foucault (1979) mostrou que foi o capitalismo (fins do século XVIII e início do XIX) que socializou um primeiro objeto, o corpo, enquanto força de produção, força de trabalho. Conforme o mesmo autor, a noção de corpo é fator central para explicar a expansão e a determinação de relações poder-saber nas sociedades modernas. O corpo deveria cumprir seu papel. Para tanto, está atrelado às formas de atuação, mecanismos de controle, formas “econômicas” de usá-lo e pensá-lo. Afinal, há uma complexidade de rituais a ser seguida, uma eficiência a cumprir. “O corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (FOUCAULT, 1985, p. 28). Economias e tecnologias políticas de corpos fazem-se essenciais, centrais para os “corpos dóceis” enquadrados e, ao mesmo tempo, produtivos. Assim, a sujeição “pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser útil, não fazer uso de armas nem do terror e, no entanto, continua a ser de ordem física” (FOUCAULT, 1985, p. 28). Essa matéria física, o corpo, não é inerte, mas sim uma superfície moldável, transformável, remodelável por técnicas disciplinares e de biopolítica. Com isso, o corpo é um ente – com sua propriedade de “ser” –,

que sofre a ação das relações de poder que compõem tecnologias políticas específicas e históricas.

Em nossa sociedade de consumo, este é a principal mercadoria. Como manter o corpo em forma, como educar os filhos, como ser o melhor profissional, etc. tudo está disponível no mercado de produtos-símbolos (era do capitalismo cognitivo). Tal problemática está relacionada, de acordo com Garrigou, Weill – Fassina, Brun *et al* (1999), com o modelo de homem, risco e saúde que as instituições de trabalho em geral definem a partir de um projeto tecnológico pautado num paradigma de racionalidade técnica. O enfoque da atividade humana se reduz a sua dimensão física ou fisiológica do corpo, separando os aspectos cognitivos (mentais) da dimensão sociocultural (organizacional) de quem realiza o trabalho. Este pressuposto fiscalista (ou naturalista) oferece uma descrição positiva do comportamento; de uma subordinação do mesmo a postulação de leis. No sentido de leis da natureza, leis fisiológicas e leis psicológicas cujos fundamentos foram estabelecidos pelo método experimental.

Assim, designadamente, é possível encontrar nos ambientes laborais a atuação de um sistema de técnicas realizadas entre os chamados profissionais da saúde e segurança do trabalho (SST), cuja “ação de prevenção”, caracterizam-se, essencialmente, na execução de campanhas educativas, palestras, treinamentos, auditorias, onde o discurso pauta-se, de forma geral, no *uso adequado do corpo* a fim de evitar doenças e acidentes ocupacionais (MONTEIRO & ARAÚJO, 2009). Os servidores públicos da rede municipal de saúde de Rio Claro estão inseridos nesse contexto ao investir nessa colonização do corpo o que gera mudanças radicais nos modos de pensar e sentir, e por conseguinte, torna o estilo de vida elemento essencial e fonte de valor, “Se não

fosse minha alimentação e atividade física eu já tinha morrido! Saúde é qualidade de vida, senão você não tem como trabalhar, engloba o corpo e a mente, o corpo é uma máquina quem tem tem estar sempre lubrificando, fazendo revisão, os exames preventivos..." (sic)

Tal característica tem o *trabalho imaterial* na saúde, pois, produz imagens, informações, serviços, não requer, portanto, somente dos seus trabalhadores seus músculos, mas sobretudo, sua imaginação, criatividade, afetividade, ou seja, sua alma e sua vida é que são requisitados pelo e no trabalho. Como acrescentam Lazaratto & Negri (2001, p.27):

Quem separava o corpo da mente eram os métodos tayloristas. Hoje, o capitalismo cognitivo, é o corpo na sua totalidade que é explorado, o corpo como subjetividade. Diz respeito ao cerne de um processo de acumulação que investe a subjetividade, e pois, a própria vida.

Na teia das mediações conservadas em éter na sociedade de maneira geral, tal movimento facilmente se esbarra em espaços instituídos que não se dobram aos confrontos. Em nossa sobrevivência, o nosso corpo serve para trabalhar ou se exercitar, ou seja, colocar a máquina em funcionamento pelo *bem da saúde* - descansa-se para retomar a atividade, próprio da rotina da dialética do trabalho e da produção – obedecer a certos objetivos, mais do que a outros, seguindo referências claras.

"Trabalhamos muito aqui, somos muito sugados. Os usuários chegam aqui querem ser logo atendidos, a dor deles é sempre a pior do mundo! O ruim é que você se envolve muito, se entrega demais..." (sic)

“É que a responsabilidade é muito grande, veja, minha função é eliminar o risco à saúde, eliminar a chance da pessoa ficar doente, se eu não consigo fazer isso com os instrumentos que tenho, pra que eu sirvo?” (sic)

“É muito burocracia, muita gente, somos poucas, e além disso, as coisas travam, não andam, a responsabilidade é muito grande, pois nós temos que monitorar os pacotes de remédios, muitas vezes as pessoas não tem dinheiro, famílias com muitos problemas, você vê assim você chora, muitos não sabem ler, então a gente tem que se preocupar com tudo né, a gente precisa acompanhar tudo isso né... você acaba querendo resolver, e não consegue, e sente inútil, e não tem como, temos muitos limites...” (sic)

Assim, o trabalho material de transformação da natureza passa a depender do trabalho imaterial, isto é, da produção de subjetividade, na mistura de tempo de vida e tempo do trabalho. A produção se torna bioprodução, antropogênese: produção do homem por meio do homem. Todavia, a pesquisadora não sentia ressonância nas retóricas da ação ou criações de linguagem que advém da fixação da atividade nos indivíduos. Do ponto de vista da produção de realidade, em que isso implica? A linguagem e a ferramenta conservam a marca das ações sobre o mundo e as marcas dos intercâmbios entre os homens. A problemática deste estudo, evidentemente, transita entre as relações de trabalho, sua atividade situada, mas não se trata de identificar ou analisar as marcas que deixam no indivíduo e seu meio técnico/social. Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender que, felizmente, o tempo sempre vai correr.

Quando a pesquisadora ia às unidades de saúde, nas conversas informais e entrevistas com os (as) coordenadores e usuários dos grupos de Lian Gong, lidava constantemente com sentimentos muito estranhos para ela. Uma espécie de *constrangimento*. Não se tratava apenas de repensar a relação de exploração e dominação no trabalho da saúde nem de romantizar suas formas de resistência, a capacidade de revide da vida, simplesmente. Existe uma experimentação que é singular ao pensar. O que aconteceria se na racionalidade os recursos reivindicados fossem afirmados numa qualidade de sensíveis, volitivos, inacabados, mortais? A experiência do pensamento enquanto pensamento é radicalmente diferente da experiência do corpo, ainda que não haja dicotomia entre mente e corpo.

Já percebeu que qualquer metodologia de pesquisa que se debruça sobre o trabalho nunca vai desprevenida de análises socioeconômicas ou da atividade humana como “real” (em detrimento de uma prescrita)? Naturaliza-se a mediação simbólica, inteligível, hierárquica, identitária, como o único recurso da produção dos “dados” perante os estranhamentos e discordâncias dialéticas entre eficiência e sentido da ação. Todas advém da mesma premissa: a emancipação da exploração e captura do corpo se dará via uma práxis de interpretação, de discriminação de formas. Mas, nada é divino, nada é sagrado, nada é misterioso!

A essa altura, o que aqueles encontros geravam coexistiam com a dureza da pesquisadora em admitir que não estava sendo exigido dela uma investigação, e sim, uma atenção. Sim, pois, como não julgar negativamente a tenda da dengue realizada num espaço emprestado pela Igreja Católica? Como não franzir a testa quando questionou a ACS sobre a improvisação do lugar ao

qual as pessoas estavam se tratando de uma epidemia de dengue e ela prontamente respondia “*Ah mas isso aqui é maravilhoso! Desafoga os postos, ajuda muito, nós não temos como atender todo mundo! É por isso que falei pra eles me ligarem a hora que for que venho pra cá ajudar*” (sic)

Para elas que lidam com esse sufoco todos os dias, qualquer atitude que possa mexer na estrutura oferecida pela rede municipal de saúde é válida. Evidentemente, não se trata de aceitar passivamente condições precárias do exercício laboral, batalhar por melhorias é o mínimo. A questão vinha de outro lugar. *Pra quê julgar as condições que parecem nunca conseguir ser as ideais? Em quê isso implica?* A atenção estava revelando outra ressonância. No contexto biopolítico contemporâneo, é a própria vida que está em jogo, sendo ela o campo de batalha. Não havia vitimização nem por parte dos profissionais de saúde nem dos usuários. O nosso corpo é função de um outro traduzido na forma da submissão física, de um corpo eficiente, organizado, expropriado, mudo, pois seus gritos precisam ser qualificados organicamente para que bem rápido se resolva e voltemos a oferecer todo nosso vigor a servidão do que se exige de nós, ou seja, ser um corpo totalmente acoplado ao corpo social de num determinado contexto histórico vigente (HEROLD JUNIOR, 2008) e, dessa maneira, continuar depreciando e distanciando as forças que poderiam atualizar nossa existência.

Caminhamos confiantes que somos inabaláveis pois estamos preparados para combater o alvo, que na certa, não nos espera. Com isso, o refinamento dos costumes vinculou-se ao desenvolvimento de lógicas e técnicas de proteção do corpo. As fronteiras corporais tenderam a tornar-se progressivamente mais demarcadas e os corpos mais defendidos. Fazer a vida girar em torno de

determinações é investir na promoção de uma vida estanque cujo ritmo acelerado, massificador e homogeneizador faz com que as pessoas sintam culpa quando ficam doentes, “loucas” ou fracas, pois não estão na medida da referência inalterável, e assim, desqualificam continuamente o corpo, as sensações, o presente, os conflitos e as transformações. Corpos mudos.

O investimento no individuo, vida nua, mecanicismo do corpo, numa antropogênese, te torna triste e incapaz de criar novos mundos, daí ficamos sempre reativos, corpos defendidos. É a antiga desqualificação da vida. Como negá-la? Ou melhor, como fazer da negação uma forma de vida? O *nihilismo*⁶ é o caminho que leva o homem para o abismo, e hoje lentamente marchamos entorpecidos para nosso destino final. “Os postos vivem abarrotados porque as pessoas na verdade se sentem muito sozinhas, querem alguém pra conversar, que lhes passem um remedinho...” Culpabilização e patologização do sofrimento, insensibilização e negação do corpo, como bem coloca Rolnik (2014, p.18):

O capitalismo cognitivo [...] apropriou-se da potência de criação (os componentes irracionais) numa operação perversa, cujo objetivo é o de fazer desta potência o principal combustível de sua insaciável hipermáquina de produção e acumulação de capital. É esta força, assim *cafetinada*, que com uma velocidade exponencial vem transformando o planeta num gigantesco mercado e, seus habitantes, em zumbis hiperativos incluídos ou trapos humanos excluídos: dois polos entre os quais perfilam os destinos que são acenados.

A pesquisadora sentia que precisava aprender a cair, não apenas ficar se defendendo, pois o sofrimento é a condição primeira do corpo, de estar em

⁶ “Se no seu sentido rigoroso *nihilismo* se refere ao declínio histórico-filosófico de uma matriz metafísica de negação da vida, Nietzsche postula que os mesmos sintomas podem remeter a energias vitais que estão crescendo e quebrando uma casca”. (PELBART,2013, p. 13)

contato com a erupção contínua de vários encontros. E, quando se está escrevendo sobre isso, percebe-se que, um incômodo constante é a incompletude. Vai-se diluindo a ideia de uma totalidade e a sensação de insegurança é muito grande, pois pensamentos fragmentários não asseguram aquele que lê a exposição clara de um percurso teórico, de um sítio de onde se parte. Essa era uma questão constante... contudo, claro, muito mal recebida. Cada sensação era imediatamente classificada e aí a tensão parecia que aumentava de tamanho. Nunca estamos preparados para isso, ao contrário, vivemos na insistência *do que se pode fazer com o corpo*, confabulando receitas, terapêuticas, explicações, fazendo uso de um manual de instruções para programar nossa “máquina homeostática”.

Na ciência estamos muito treinados para elaborar funções, coisas de eficácia e segurança para nossas vidas. Desta maneira, os profissionais de saúde em nós realizam suas atividades baseados em critérios apenas orientados por sentidos “*que fazem sentido*”. O pensamento aqui é cansado, não ultrapassa o condicionante, se orienta pelo vivido, por uma ordem, uma finalidade, e o corpo, claro, também acompanha essa característica pois submetido a regimes prontos, impostos, determinados e reconhecidos, a sensibilidade torna-se domesticada, fixada, a percepção torna-se opaca e finalista... Não há produção de sociedade sem a produção de corpos individualizados. Como consumir a vida em meio a um excesso de valores que não foram construídos coletivamente, nem por processos, nem por trajetórias, mas que são absorvidos pelos cidadãos em prol de um interesse externo a eles, heterônomo e hegemônico do sistema atual.

É claro que os frutos da racionalidade na forma de modelos, manuais e terapêuticas de evidências são bens materiais da humanidade, recursos que auxiliam na desmistificação de discursos, objetos, tratamentos. Ocorre que, basta silenciar para só enxergar, abaixo de todas as realidades, a única irredutível, a da *existência*. Por que esta é tão ardente e leve, como o ar de uma panela quente quando se destampa? Até quando as forças de alteridade serão trancadas, abafadas, determinadas por imagens de reconhecimento de um modo de vida correto/cidadão/familiar/teleológico impotente para decifração etiológica e ecológica do mundo?

Esta implica realizar o exercício de não retirar conclusões baseadas em contradições da harmonização das formas, pois não é porque tudo muda que vamos deixar de viver o prazer de construir, de criar, e para isso é preciso estar atento a produção do processo e não a conclusões julgadoras. Não se trata saber se é bom ou ruim o uso das práticas corporais nos serviços de saúde. Estas práticas, ainda que sem o rótulo de médicas, trazem benefícios aos indivíduos que as praticam, oferecendo-lhes exatamente aquilo que procuram na medicina tradicional, mas que raramente encontram: a atenção à sua integridade.

“Os exercícios melhoram muito o corpo da gente, a qualidade da saúde motora, o corpo precisa estar saudável senão não funciona! A gente não consegue fazer nada!” (sic)

“Antes do Lian Gong eu travava tudo... quero é ver felicidade, uma atividade prazerosa, que previne e trata as dores do meu corpo, ver as pessoas

se divertindo, muito diferente do dia-a-dia de cobrança e estresse do posto... qualquer coisa que me tire de ir pra esses negócio de hospital e remédio, é só isso que eles sabem fazer!" (sic)

A pesquisadora começava a se dar conta que estava vivendo uma experiência outra de pesquisa, pois, nossa implicação com a vitalidade social não está no plano das causas e efeitos. De acordo com Dejours (2005), verificar qual a condição subjetiva adotada no ambiente laboral pode indicar tudo aquilo que nas condutas humanas afasta-se da racionalidade instrumental pelas condutas irracionais (aquilo que não dá conta das pressões provocadas pelo afastamento desses comportamentos na análise). De maneira que estes componentes “irracionais” do comportamento fazem seu retorno na situação de trabalho e acaba sendo necessário dominá-los ou domesticá-los. Dominá-los é submetê-los ao controle, à disciplina, à sanção; domesticá-los é tentar fazê-los passar pelo primado da racionalidade instrumental por intermédio da formação.

Neste sentido, a que ou a quem custa agir em multiplicidade? Ao corpo individualizado, corpo trabalhador, que está sempre ocupado com mecanismos de disposição para obediência e defesa da postura vigilante. Desta maneira, o trabalho em saúde parece somente saber cuidar de corpos marcados, que remetem a forças que se conectam a imagens estanques - um investimento na racionalização cética da ideia, de um sujeito legislador.

“Acham que os movimentos não servem pra nada, se as pessoas compreendessem a importância... quantos mais se faz e aperfeiçoa os movimentos, seu organismo vai agradecer!” (sic) “O corpo é não ter doença pra muita gente né... pra mim é exercitar o corpo, ter uma boa alimentação, se não

tem bons hábitos fica correndo atrás do prejuízo” (sic). Esses “bons hábitos” muitas vezes são reduzidos a terapêuticas para salvar uma vida nua, e não produzir formas-de-vida (AGAMBEN, 2015). A vida nua é o fato da vida natural, biológica, otimizada por biotecnologias disciplinares e de controle, cuja domesticação dos devires produz um corpo “a-corporal” asséptico ansioso para chegar a um porvir indolor e imaterial. Corpos individualizados que agem em nome dos seus interesses, propriedades, atributos, na condição de sua consciência (ação que sou capaz de representar e fundamentar), colocando sua vida submetida a uma identidade, a um ser primeiro, na manutenção de dicotomias. Essas se concretizam com a valorização de um dos pares, um em detrimento do outro, bem como com a valorização da própria necessidade de manutenção das dualidades e crença na positividade da *intervenção humana* sobre a natureza (BARROS & MORSCHEL, 2012).

Tal representação da superfície corporal e dos seus orifícios como extremamente vulneráveis produz o afastamento e a dessensibilização em relação ao outro. É possível sentir uma desagregação da tirania do pensamento idealista quando nos percebemos cultivando uma certa nostalgia pelo que fomos ou deixamos de ser ou conseguir, cambaleando de forma insólita como se ninguém sofresse mais do que cada um de nós. Para Negri e Hardt (2001) todo o investimento do poder volta-se para dentro dos indivíduos, intensificando-se no ponto mais íntimo da alma, na própria produção de subjetividade.

Como lidamos com os antagonismos formais ligados à instabilidade interna a normatividades próprias do ordenamento social? Estando *fora da vida* o que deixa a todos despotencializados, blindados, apegados a fórmulas capazes de consertar o mundo, e assim, vamos deslocando todas nossas

frustrações no consumo de formas de vida vendidas pelo mercado. A medida em que conservamos o tempo da expectativa, em imagens projetadas, de origem e finalidade, de onde se parte e pra onde se quer chegar, perdemos o processo, o que pode acontecer, a abertura para o que se pode criar, pois tudo que pode sair desse plano instituído, dos signos e significados filtrados pela crítica da consciência, reagimos contra. A gente não experimenta, de fato, porque a gente tem medo que o acontecimento seja injusto com a gente.

Reduzida ao indivíduo (reduzida ao cognitivo, sua vontade, sua consciência, manutenção das representações estabelecidas que agem como bálsamo para represar as afecções) as forças de conservação tem terreno afirmativo para perseverar e utilizar todo tipo de estratégia para encaixar os fluxos no comando da aplicação do saber ao invés de afirmar as demandas da vida que querem perseverar, que precisam de tempo para germinação. O que quer perseverar não são conteúdos, códigos léxicos ou de comportamento, uma espécie de mundo e suas formas de expressão, e sim, a vida, que paradoxalmente leva a todos para a criação de mundos onde ela precisa se diferenciar e isso acontece a cada vez que ela é sufocada nas formas atuais do presente.

3.2. Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria...

As mudanças corporais são causa e instrumento das transformações em termos de identidade social. Desta maneira, não é possível uma distinção ontológica entre os processos fisiológicos e os processos sociológicos, ou seja, o social não se deposita sobre o corpo, *ele cria o corpo*. De acordo com Viveiros

de Castro (1979) a condição humana é literalmente fabricada, modelada, recebida e consumida pela cultura. Fabricação vem do sentido de fazer, produzir, atividade interventiva sobre a matéria. Segundo Guattari (1992) trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo. A fabricação comporta a criação do corpo humano, ou seja, define-se o que seja *humano* e implica numa negatividade de tudo o que não for humano – opera naquilo que Karl Marx chamou de infraestrutura produtiva.

O anti-humano, o instintivo, a inconstância da sensibilidade, a singularidade dos acontecimentos, a produção da fala e do desejo não se colam nem a representação do indivíduo nem a uma história, simplesmente (GUATTARI & ROLNIK, 2011). Estamos falando de uma produção adjacente a uma multiplicidade de agenciamentos sociais, a uma multiplicidade de processos de produção maquinica, a mutações de universos de valor e de universos da história. Algo que requer a reconfiguração do objeto, uma recusa da premissa transcendente, o que lhe permite elaborar inferências a partir de critérios imanentes. O corpo, neste viés, não se reduz a uma propriedade privada individual e nem se limita a ser o domicílio particular de uma consciência subjetiva.

A consciência advém de um processo histórico e ontológico, neste sentido atribui-se sua transformação por meio de formas superiores da matéria que seria o que faz dos humanos *humanos* – a subjetividade aqui se transformaria por uma materialização objetiva das ideias, via intencionalidade lógica, racional, e aqui que parece estar a questão. De acordo com Viveiros de Castro (2015), nesse

direcionamento, a relação do sujeito com seu objeto mantém a *hierarquia* de que sempre é o sujeito quem delimita as relações com o objeto e não o contrário.

A crise do conhecimento contemporâneo, segundo o mesmo autor, está justamente na busca de uma outra metafísica, uma *filosofia da natureza* da qual nos afastamos desde a revolução copernicana. A especulação atual é de que o real é correlativo a um sujeito de conhecimento – o objeto gira em torno do sujeito, subordinado à consciência do sujeito, o racionalismo subordina o que é conhecer e assim todas as questões ontológicas se converteram em questões epistemológicas (como se pode, como é possível saber, a partir de quem você fala, baseado em quê), o real é considerado ao que é acessível ao *humano*.

Todavia, a natureza se mostra indomesticável pela cultura, o referente parece escapar ao signo por todos os lados, há sempre uma instabilidade nessa relação conhecimento-mundo, e atualmente, essa crise contra essa subordinação é a questão que tem intrigado o pensamento científico contemporâneo. Estaria acontecendo uma espécie de um “retorno ao real” pois vem se verificando que *há sim* uma possibilidade de aceder ao real que não passe pela subjetividade ou pelas categorias exclusivamente *humanas*. O que se procura é com isso é uma alternativa para escapar ao correlacionismo, ao construtivismo.

Não obstante, o conhecimento em ciências humanas de uma forma geral, poderia oferecer uma expressão para além das formas lógicas, contradições, de oposição, e sim uma relação mais *real-social*, convocada mais com a exterioridade. Uma realidade *imanente* constitutiva a própria essencialidade, reivindicando *um corpo* na sua potência de afecção para tomá-lo na direção da coletividade, das linhas coletivas, impessoais, que pedem passagem e

visibilidade, e sem o que não podemos existir senão num autismo total (PELBART, 2013).

O indivíduo tem linguagem, noção de si (eu), planejamento, intencionalidade, discernimento (apenas moral e perceptivo), enfim, são muitas as características diferentes do animais apesar da virada copernicana. O modo dominante em nós é o da estabilidade, corpuscular, campo do simbólico, da imaginação, da estrutura - você não faz uma coisa porque vai obter vantagem, faz por puro desinteresse, por verdade, porque é a maneira superior de ser. A autonomia moderna é carregar os valores morais nos ombros... Sabemos que o que determinante é o modo moral e racional de decidir. O que se passa é que, em vez de nos conectarmos com uma fonte que sustente a capacidade aberta de experimentar, somos condicionados a investir num certo padrão, numa certa referência, num elemento que legitimaria um estado admissível socialmente, economicamente, historicamente, racionalmente tolerável. Isso para o seu próprio bem, senão você será esmagado.

Um investimento numa capacidade receptiva, de afirmação do presente, o que Spinoza (2009) chama de potência de ser afetado, que não é uma passividade, é uma potência em ato, não uma mera paixão. É uma potência que se cultiva, que a gente desdobra, desenvolve. Implica numa abertura tal, que aquilo que se passa na relação da vida com o que envolve a vida não tem atravessador, não tem intermediário, é uma relação direta.

Se entendemos a *vida* como potência de diferenciação e criação, o modo de atenção no qual nos relacionamos com ela precisa acionar a força de exigir um ritmo próprio que corresponda a um duplo movimento em que a subjetividade se dissolve e se recria – é o que Rolnik (2014, p. 11) chama de “condição para

que o outro deixe de ser simplesmente objeto de projeção de imagens preestabelecidas e possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência". É como se um pedaço do social que se reinventa na minha existência, mas não é criado por mim, não está dentro de mim, é coletivo, comum, ganhasse uma forma ali no corpo – uma maneira singular de reinventar o mundo que mostra o quanto a vida está podendo afirmar sua vitalidade. A pesquisadora percebe uma tradução dessas suas impressões na entrevista Abecedário Deleuze R de resistência – onde seus fluxos a-significantes encontram o mel e ferida do seu pesquisar – o ato de *criar* é *resistir*.

"Acho que um dos motivos da arte e do pensamento é uma certa vergonha de ser homem. Acho que o artista, o escritor, que falou mais profundamente sobre isso foi Primo Levi. Ele soube falar dessa vergonha de ser um homem num nível extremamente profundo, porque foi logo após sua volta dos campos de extermínio. Ele sobreviveu com... Ele disse: "Quando fui libertado, o que me dominava era a vergonha de ser um homem". É uma frase ao mesmo tempo esplêndida e bela e... Não é abstrata, é muito concreta a vergonha de ser um homem. Mas ela não quer dizer... Associamos muita besteira. Não quer dizer que somos todos assassinos. Não quer dizer que somos todos culpados diante do nazismo. Primo Levi diz admiravelmente que isso não significa que carrascos e vítimas são iguais. Não nos farão acreditar nisso. Muitos dizem que todos somos culpados. Nada disso, não confundamos carrascos e vítimas. A vergonha de ser homem não significa que somos todos iguais, comprometidos etc. Acho que quer dizer muitas coisas. É um sentimento complexo e não unificado. A vergonha de ser um homem significa: como alguns homens puderam fazer isso, alguns homens que não eu, como puderam fazer isso? E, em segundo lugar, como eu compactuei? Não me tornei um carrasco, mas compactuei para sobreviver. E uma certa vergonha por ter sobrevivido no lugar de alguns amigos que não sobreviveram. É um sentimento muito complexo. Acho que, na base da arte, há essa ideia ou esse sentimento muito vivo, uma certa vergonha de ser homem que faz com que a arte consista em liberar a vida que o homem aprisionou. O homem não para de aprisionar a vida, de matar a vida. A vergonha de ser homem... O artista é quem libera uma vida potente, uma vida mais do que pessoal. Não é a vida dele."



Largo do Chiado 8, Lisboa 1249-125, Portugal.

CAPÍTULO IV

Vibração coletiva

*Caminho se conhece andando
então de vez em quando é bom se perder*

(Chico César)

4.1. Trabalho x criação

A pesquisadora, nos últimos dias, estava encontrando com os profissionais de saúde em reuniões no Nasf (Núcleo de Atenção a Saúde da Família) que tinham como objetivo realizar um acompanhamento dos grupos de Lian Gong a fim monitorar a distribuição dessa prática corporal como atividade física efetiva da rede municipal de saúde. Era notável o tom “empresarial” que essas reuniões tinham. Formulação de questionários para alimentar os dados sobre o perfil dos usuários, elencar os principais resultados alcançados, dinâmicas de grupo para trabalhar a coesão e comunicação grupal, *brainstorm* das dificuldades encontradas, pensar em estratégias de como atrair mais pessoas para os grupos. Considerando que a prática corporal existe na rede municipal de saúde há oito anos, que já houve a oferta de quatro cursos de formação para coordenador de grupos de Lian Gong, havia também muitos relatórios e questionários já preenchidos... “*lá vamos nós fazer tudo de novo!*”

(sic) “é claro que nem tudo a gente coloca porque senão vão achar que nós não estamos querendo fazer o serviço... e é assim com tudo que fazemos aqui, o Lian Gong é só mais um exemplo” (sic)

De maneira contínua, era perceptível como nossos corpos de trabalhadores são corpos individualizados pois não reconhecem sentido nos movimentos intensivos. Trabalhar, neste sentido, não é meramente um aprisionamento, tem mais a haver com uma cooptação, uma espécie de ressentimento, um pensamento que não se renova, uma situação aparentemente sem saída. Os tipos de ideias mostram os tipos de afetos. Assim ficamos impotentes para se subtrair do *estado* de corpo que nos constitui pois, são mais que ideias, são modos de vida. Consumimos a “novidade”, e não o “novo” e aí, amaldiçoamos os obstáculos, nos relacionamos com suas sombras, projeções socioculturais.

Através da necessidade de esquematização do cotidiano (modo cognitivo antropocêntrico de fazer contato com o mundo) tal prática corporal foi disseminada como uma opção de tratamento das dores, de cuidado em saúde. Desta maneira, assim como muitas outras iniciativas da rede municipal de saúde, esta também já dava seus sinais de desgaste e falta de apoio. Do ponto de vista micropolítico, isto são efeitos dos efeitos de uma vida separada do que ela pode, ou seja, submetida a mesma política laboral: aplicar modelos de saúde ideais à sujeitos ideais em circunstâncias ideais, e em nome disso, realizar todos os sacrifícios contando com a condição da nossa cumplicidade ligada num piloto automático desconectado das forças de transvaloração.

Nossa capacidade de aderir a um plano de reconciliação conosco mesmo em tudo que está a nossa volta é impressionante. O jogo das formas

transcendentais atua numa dupla maneira. De um lado desqualifica para qualificar, instiga medo e desconfiança para oferecer segurança e esperança, introjeta caos e confusão para oferecer clareza. Desta modo, enfraquecemos exatamente essa capacidade autogerativa e autônoma do corpo, talvez da mesma maneira como perdemos a capacidade autogerativa e criativa do pensamento. E com isso, uma vez que nós perdemos a capacidade de acontecer, nós investimos num ideal. O “[...] acontecimento nunca é ‘o que acontece’, um simples estado de coisas empíricas e fatual, nem tampouco uma simples efetuação do pensamento; ele se situa no interstício, na fenda entre o sensível e o pensamento, lugar de uma gênese do sentido sempre renovada” (LINS, 2012, p. 26).

Neste direcionamento, a pesquisadora constata o quanto o trabalho em saúde é somente um dos artifícios sociais que se compromete com o exercício fascinante da organização identitária do mundo e ainda arrasta consigo um compromisso com dois regimes, são eles: a) fabricar uma interioridade para driblar a potência de variação (do contrário como podemos ser controlados e desejar controlar os outros?) e b) um regime semiótico que produzem sujeitos e objetos ideais para domesticarmos os devires, levá-los a estabilização. “Naturalmente” tristes e conformados com nossa missão, seguimos trabalhando, sendo o medo o nosso melhor conselheiro, medidor de rendimento do tempo. O labor que valoriza a elevação das causas e seus efeitos, exige ações flexíveis, reguláveis e ajustáveis, não pelos efeitos que nos tocam, e sim, pela recauchutagem de valores. Vamos fazendo e carregando os mesmos problemas numa cumplicidade comprometida com um boa nova para a humanidade “*sei que vai ser bom pra mim, eu vou porque sei que o pessoal tá me esperando*, é

um compromisso pra mim, pra eu ir sempre reclamo, mas depois vejo que compensou” (sic). Sempre ela, a recompensa, que justifica tudo. Lançamos nô ralo o espaço-presente que não é apenas o solo sobre o qual se desenrolam os acontecimentos humanos, seu teatro e seu cenário mas, principalmente, um elemento concentrador e dissipador de forças.

Portanto, o que se captura é o corpo intensivo, informe. O combate está em nós, se a gente não faz, necessariamente nos tornamos cúmplices – sem isso estamos apenas adquirindo competências, autoridades, instruções para nos enriquecer, nos capacitar, evoluir em performances e superações. Não que isso seja uma bobagem, mas é muito pouco diante dessa prática necessária que nos põe sempre em relação com a capacidade de manter as *próprias condições de criação*. Esse é o espaço virtual que transitamos, apesar de nós. E não basta nos livrarmos dos poderes a partir da consciência e aí nossa força criadora estaria a solta mudando tudo. É preciso reconhecer onde nós nos tornamos reativos pra criar uma relação de superfície em acontecimento com forças de criação de condições de realidade.

Não se sabe mais o segredo de um modo de vida verdadeiramente ativo, afirmativo da diferença que produz real, que faz do durar um gosto continuado e colado a uma diferenciação intensiva. A gente sabe, geralmente, de uma vida reativa, que se ressente das variações sofridas nos encontros, que padece das multiplicidades, que só tolera a diferença operando de maneira domesticada, bem intencionada, previsível, conciliada, rendida pelo consenso no mau uso da dor. Parece que só se é capaz de conceber uma vida cujo horizonte é negativo, cujo tempo é um tempo aniquilador, cuja ideia da morte é uma ideia de degenerescência pela matéria ou pelo desejo.

De acordo com Fuganti (2016) para haver julgamento é preciso nivelar, unificar os desejos e por tudo de um ponto de vista do senso comum. E ainda estamos falando da experimentação do ponto de vista receptivo, mas ainda há a tomada de posição nesse processo de experimentação, que é uma atitude ativa. Não que a outra não seja ativa também. A outra é receptiva, ela instala uma relação com a fonte do movimento e do tempo, te põe em contato direto com o acontecimento e por isso dispensa um provedor, você não precisa do poder, de uma condição instituída para experimentar. Não precisa de nenhum artifício ou artefato social, econômico, político. Na nossa fronteira nós tocamos essa fonte, na fronteira de nós mesmos. Ela não está em outro mundo, numa profundidade, num inconsciente, em algum lugar do eu profundo e encoberto. Ela está bem na superfície, é desse modo que Deleuze (2010) reivindica a superfície como produção de sentido. *Precisamos fazer do nosso ser uma passagem.*

Ainda de acordo com o referido autor, isso opera no campo do encontro. Por isso precisamos retomar o modo de relação, o modo de encontrar, o modo de acontecer. Porque a determinação se opera no acontecer e produz algo em nós e esse efeito é que se torna consciente em. Fazer de si um moto continuo. Nós, de alguma maneira, somos moto continuo. Auto fabricação de si, de modo ativo, afirmativo, sem ser determinado de fora. O fora como excitante e aliado, e não como opressor, determinante ou algo que submete a vida a alguma autuação. Esse imediato na produção e disponibilização do tempo e da memória é um outro tempo-espacço.

Na instância trabalho, a aventura já não pode ser linear, é um *working process*, como observa Negri (2007), pragmática e experimental seguindo os ritmos e a disritimia da criação, livre do mestre e da sua teodisséia. É quando estamos cultivando uma posição de *estar sendo a tessitura* e não falando sobre ela, como o mesmo autor propõe:

[...] Se o trabalho antes era medida, se ele mesmo era mensurável pelo poder, se seu valor essa mensurável pelo tempo, concebido como medida, tudo muda, quando o trabalho se libera da régua do tempo, da medida do poder, tornando-se valor sem medida, potência pura, expansão ilimitada, quando ele se reconquista como inteligência, como carne, como corpo [...] (NEGRI, 2007, p. 35)

Um “*trabalho artista*” onde o empenho por verdade e conhecimento aparece como resultado não de um esforço imaculado por descobrir o modo de ser imutável da realidade mas como uma via de escape frente a este modo mesmo: frente as necessidades éticas, a soberania do devir. É essa ação de encontro, dos efeitos entre efeitos que mostra suas relações, suas continuidades, sua processualidade. Isso não tem origem, não está num plano de referências pra gente escolher. Os critérios vem no modo como os efeitos se processam em nós, nos modificam, nos deslocam, nos resgatam uma espécie de *termodinâmica* do que vale pra vida ou não.

Foi necessário transformar o corpo num território privilegiado de experimentações sensíveis, algo que possui uma certa inteligência que não se concentra apenas no cérebro. Foi preciso libertá-lo de certas tradições e moralismos seculares, fornecer-lhe um status de prestígio, um lugar radioso, como se ele fosse uma alma. Então foi fácil considerá-lo uma instigante fronteira

a ser vencida, explorada e controlada. Destarte, o que porventura não se enquadre nessa ordem, fica isolado, é desacreditado, fracassa e precisa ser expelido. O modo cognitivo antropocêntrico desqualifica o modo de existir para investir em condições de agir submetido ao realizado, o vivido, o representado e não com a potência de concretizar, de compor, de criar. Lidar diariamente com soluções derivados de problemas dessa lógica instrumental.

Para um modo vivo de viver não falta nada. Como uma força forasteira, “accidentalmente” pensa-se o impensável. Contudo, o impossível é apenas uma contra parte do possível, um falso problema. O que se passa necessariamente é o campo virtual que fabrica o campo de possibilidades e impossibilidades, e é isso que precisamos aquecer, como aponta Sant’Anna (2001, p.112-113):

Ver as coisas e os seres como são é uma experiência que não tem preferência, necessariamente, pelos momentos dramáticos [...] Uma visão assim soa como algo impossível para quem acredita que ver as coisas como elas são é conhecê-las e dominá-las completamente ou então é fazê-las falar para saciar a preferência que escolhe as palavras e nega as coisas, quer ideias e rejeita os objetos. Também pode parecer algo inviável quando a existência de todos os seres, espaços e objetos não é considerada diferente da existência humana ou quando não se admite que seus modos de vida possuem uma complexidade cujo entendimento, em muito, nos escapa. Mas pode fazer algum sentido nos momentos em que acolhemos, mesmo que seja por descuido, experiências irrepresentáveis e vivemos emoções junto a seres e objetos difíceis de serem alcançados por palavras.

4.2. Ocupando a fronteira

A pesquisadora não sabia mais onde por aquilo que ela estava não estava criando, localizado na terrível sensação fascista de manutenção da captura das energias vitais, da reprodução do mesmo corte, da rigidez do olhar. A pesquisadora olha para sua orfandade. Se não era para opinar, convencer, argumentar, conscientizar, como ela acoplava o mundo? O deslocamento da identidade e manutenção da ordem pesavam. Porque esse desprezo com o tempo, duração, variação de energia, que me conecta com afetos que são mobilizadores de novas possibilidades? Será mesmo algo que se precise lutar, rejeitar, reagir ativamente? Essa forma de angústia social que bradava e sugava a energia do seu corpo não seria a luta por um novo horizonte ao qual se agarrar? O que aconteceria se se afirmasse a contingência e a errância desse desamparo?

Como diz Spinoza (2009), tudo é modo, ou potência de modificar ou ser modificado. Tudo é essa potência. Para que se modifique é preciso estar em relação, é necessário haver um ser da relação, que é esse relacional. Esse relacional podemos chamar de *afecção*. Esta não tem unidade psíquica, nem substrato. A unidade subjetiva é a condição de julgamento, é a condição de representação, do poder. O poder é que precisa representar e julgar. O principal é o nascimento de uma força, e não só os tipos, os modelos. Quando nosso corpo é cúmplice da nossa maneira de existir, então nosso lado vítima é confrontado com o nosso lado de responsabilidade pela vida. Se somos

honestos consigo mesmo, seremos conectados com a potência de diferenciação, de vitalidade.

Sim, o virtual retorna e insiste. Muitas vezes imaginamos o devir mas não experimentamos. *Devir* não é seguir ou imitar um modelo (desejar ser semelhante a uma estrutura ideal), se tornar outra coisa que nos fixe, nem “fazer como” uma analogia por proposição. Nem semelhança, nem identidade, nem estrutura. O modo de se efetuar é o que importa. Aí está a condição estética. Não ocorre sob tutela. Cartografa-se ao mesmo tempo que agimos. Somos a própria estrada, o tempo não é como sucessão, é o tempo de duração. Somos potências de criar existência. A pesquisadora não consegue disfarçar a indignação! A linguagem aqui não é de comunicação ou julgamento e sim de produção, aquela em que não tem espaço para dicotomias nem forças de conservação tampouco de conciliação.

Neste sentido, não basta dar golpes nos modelos. O que seria então realizar uma *crítica ativa*? Tem mais a ver com uma espécie de liberação das forças que estariam investidas nesse plano supérfluo de organização para inventar novas maneiras de experimentar, nas várias dimensões que atravessam os modos de vida humanos. Implica numa desconstrução daquilo que nos separa do tempo da expectativa, afinal, o que conta para uma verdadeira autonomia, não é a lei, a história, os direitos humanos, e sim, nossa capacidade de entrar em relação, de afetar e ser afetado, uma nova apreensão da finitude, não como morte ou algo imperfeito, mas como a fonte inesgotável criar a si mesmo e o mundo.

Precisamos aprender a dizer *não* para aquilo que se quer por no meio, aquele atravessador da nossa experimentação direta. Entramos num devir

reativo porque o estado de desejo passa ser mediador do acontecimento e o acontecimento evidentemente jamais para de acontecer, só que o que é dominante em nós não é o acontecimento enquanto acontece, mas é o estado que sobrevoa o acontecimento. Isso que é a condição da moral. Geralmente nem se localiza o problema nessa região, pois se trata de uma coisa abstrata, onde menos se pensa que está o problema. Nem se localiza essa região. É um nada. O que é esse relacional, essa superfície, esse acontecimento? Precisamos apreender a realidade disso que não tem existência, mas não é por isso que não é real. O real não se reduz a existência, ele é também virtual. O virtual não existe, mas é real. Eu não sou um destino, uma finalidade, e sim uma potência de criar na existência. Eu não sei o que é isso, ninguém sabe, sou obrigado a inventar isso, me tornar isso, e, desta maneira, somente existindo de maneira singular é que efetuarei essa potência. É minha força de existir que está em acontecimento, realizando pontos de continuidade em mim, se estendendo e se amplificando na latitude da sua intensidade.

Um noção que se remete ao efeito do tempo e não a sua essência. Entrar em contato com um *tempo imanente*. Não há órgão do sentido ou consciência que capte esse tempo. Esse plano de imanência é sistematicamente desinvestido do ponto de vista das maneiras antropocêntricas de existir, maneiras que acabam por desqualificar o plano mais essencial do real, que se produz a si mesmo e todas as coisas que decorrem disso. Nossa crítica ativa, portanto, incide sobre um plano suposto, necessário pelo modo de vida reativo do homem; incide sobre esses modos e maneiras de viver da humanidade que demandam um plano fora da natureza, ou mesmo dentro da natureza – mas

diferente da natureza, de outra ordem, que seria esse plano de transcendente de organização, plano ideal.

Não se trata da autonomia moral, racional, suposta liberdade kantiana, ou de acesso a um poder e um saber estabelecido, nem acesso as condições sociais dadas. Isso é a ligação da vida com um plano de referência que a tutela, que seduz pela a garantia dessa “autonomia”. É um caminho sem volta. Muito caótico e confuso... mas não seria esse o objetivo da ciência, entender o obscuro? Sim, mas a pesquisadora pensa como é muito estranho chamar esse sobrevoo *desencarnado* de Conhecimento. A criação de valores já não se submete a medida extrínsecas mas abre a partir da sua própria desmedida, um outro tempo, pois:

[...] a dor nunca é individual, ao contrário, é uma chave que abre a porta da comunidade. Todos os grandes sujeitos coletivos são formados pela dor, ao menos aqueles que lutam contra a exploração do tempo da vida pelo poder, aqueles que descobriram o tempo de novo como potência, como recusa do trabalho explorado, e dos ordenamentos que se instauram com base na exploração. A dor é o fundamento democrático da sociedade política na mesma medida em que o medo é o seu fundamento ditatorial, autoritário (NEGRI, 2007, p.42).

Neste momento, estamos em plena fronteira. Uma dor implicada afetivamente e não de uma identidade reduzida a um ego forte. Uma dor pleiteada por muitos outros, pela alteridade, pela diferença se diferenciando, pelo movimento movediço de se estar vivendo. Em tempos em que os estilos de vida (planos morais) precisam redimir nossas dores e serem consumidos com a promessa de fortalecimento do livre-arbítrio, pensar de forma ativa, não significa aderir a um plano mediador do sofrimento, que nos proteja de extravagâncias. É uma prática que não se reduz ao enquadramento ou reconhecimento do

“inadequado”, exercício pleno de julgamentos. Tem mais haver com o constante desbloqueio do que obstrui possibilidades estéticas, de deslocamentos, provocações, jogar com intempestividades.

Logo, a pesquisadora depara-se com a *beleza* do cultivo de uma fraqueza, de uma força transformadora desse sofrimento ético-político que vinha cartografando. Atravessar o caos: não explicá-lo ou comentá-lo, mas atravessá-lo por todos os lados, em uma travessia que não ordena planos, paisagens, marcas, mas que deixa atrás de si o caos se fechar como o mar sobre o sulco. Seria o que Guattari (1985) denomina da *transversalidade de lutas* (noção que ele compartilha com Foucault) que confirma *uma vida inserida no pensamento*, nos conceitos, nas ideias, na produção de realidade. E isso não tem nada a ver com subjetivismo. É um ato selvagem, cruel. Todo conceito novo, aquilo que não sabemos de antemão, somente provoca abertura se nos assombrar pela sua inutilidade. Linhas que *cuidem* da nossa experimentação do mundo ao invés de cultivar empoderamentos identitários. As afecções constroem o corpo em sua geografia, em suas regiões de intensidade, em sua responsividade, sua implicação social real.

Em muitos momentos, é justamente a impossibilidade de superar-se que insere com maior pertinência o ser humano no espaço. Larrosa (2015) denomina tal postura como sendo a do *sujeito da experiência* que não se define pela sua atividade, mas por sua *passividade*, por sua receptividade, disponibilidade e abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, uma disponibilidade fundamental, como abertura essencial.

“[...] Cada coisa sem préstimo
 Tem seu lugar
 Na poesia ou no geral
 O que se encontra em ninho de joão-ferreira:
 Caco de vidro, garampos,
 Retratos de formatura
 Servem demais para poesia
 As coisas que não pretendem, como
 Por exemplo, pedras que cheiram
 Água, homens que atravessam períodos de árvore
 Se prestam para poesia
 Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma
 Como, por exemplo, o coração verde dos pássaros,
 Serve para poesia
 As coisas que os líquenes comem
 - sapatos, adjetivos –
 Tem muita importância para os pulmões da poesia
 Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mijia em cima
 Serve para poesia [...]”
 As coisas jogadas fora
 Tem grande importância
 - como um homem jogado fora
 Aliás é também objeto de poesia
 Saber qual o período médio
 Que um homem jogado fora
 Pode permanecer na terra sem nascerem
 Em sua boca as raízes da escória
 As coisas sem importância são bens de poesia
 Pois é assim que um chevrolé gosmento chega
 Ao poema, e as andorinhas de junho”.

EPÍLOGO

Acompanhar um processo encarnado é uma estratégia surtada. Por isso mesmo é tão atraente. Nunca uma dor foi tão bela. Enfrentar a apatia e a servidão passa por uma atitude de cuidado que precisamos *inventar*. O corpo é o que não sabemos, seu caráter intangível se dá na multiplicidade das verdades que o compõem em instância subjetiva e política.

Não é tão fácil produzir realidade quando toda forma de subjetividade é reduzida ao indivíduo, o outro é uma representação, o outro não tem existência nenhum pra você, não provoca efeitos no seu corpo, tal o narcisismo contemporâneo. No plano exclusivo plano da representação, a vontade é direcionada para destruir, domesticar, abusar, salvar o outro e colocá-lo no verdadeiro caminho. Os profissionais de saúde em nós são reconhecidos socialmente por serem cuidadores, entretanto, de tanta prevenção/orientação/fiscalização fora da vida, cavam o nosso buraco de abandono. Que tipo de trabalho é esse que se sustenta pela impotência do outro de tocar nesse imediato? De produzir sua própria vida?

Entendemos, pois, o *sujeito* não como aquele que busca simplesmente a conservação de si confundindo linguagem com pensamento, racionalização com imaginação, que opta por certos padrões em detrimento de outros, mas sobretudo, como aquele que está num atravessamento com as forças e fragilidades da natureza e, desta maneira, age num intenso “engate” a tal ponto que, prosseguir a caminhada significa, não mais passar pelo espaço, vencê-lo, mas encontrar-se com ele a cada passo.

Considerações Finais

Caro leitor (a), sinto muito.

Não consigo concluir.

Nem mesmo entendo como estou de pé.

Não consegui falar traduzindo.

Penso que a questão não é a gente se entender.

Fique à vontade para me enviar à decapitação, às fogueiras, às torturas.

Os autores, teorias e atributos espetaculares não me abordaram para serem citados, aprofundados, tagarelados.

Eles me abrigaram.

Viajamos juntos.

Dançamos, sorrimos chorando.

Me fizeram convites.

Não vejo nada que não tenha desabado.

Me reconheço mas não sei quem é.

Estou encantada com gagueiras, arrepios, abismos.

Extração do pensamento próprio, do artesanato singular, do lixo lógico.

Minha pele está rubra, mas não tem cor.

Ocupei muitos lugares.

Dizer o que nos toca não é autobiográfico.

Na rede municipal de saúde eu deitei e descansei!

Devir mulher entre todos.

Força que faz variar.

Todavia, a felicidade insistia em nos bombardear.

Modelar o corpo como utilidade transcendente de organização para se recompor segundo aquilo que permita um sentimento de reconhecimento, de pertencimento.

Sinto que afrontei e enfrentei o medo de envelhecer.

Cuidar não é proteger mas também não é abandonar.

Não preciso de alunos, usuários, pacientes, clientes.

Não quero o método do opressor.

Essa roupa individual não serve mais.

Preciso de saúde numa certa latitude.

Corpos políticos.

Conversas (a)fiadas.

Descomplicar, tocar.

Não vou me engajar para voltar a viver na e para a sociedade.

Por que não se suporta uma vida em experimente(ação)?

A dor e o sofrimento são testemunhas do mal no mundo?

Bem ou mal não são substâncias.

As instituições são peneiras que deixam passar algumas coisas e retém outras.

Há uma produção de enfraquecimento da vida quando ajustamos nossas intencionalidades para ver como a gente pode se dar bem.

Não tenho interesse em gestos ou palavras que discriminam as forças de criação.

Quero passar com minha dor, idiotia, ineficiência.

Conquistar *um corpo*.

Continuidades e transformações.

Saborear a vida!

Espero que tenha ficado satisfeito(a), afinal, nada falta.

*Tire a mão da consciência e meta
 No cabaço da cabeça
 Tire a mão da consciência e ponha
 No buraco da vergonha
 Tire a mão e ponha o corpo todo no corpo da consciência
 Ponha ouvido orelha língua boca na cara da consciência
 E umbigo na barriga dela
 Ponha olhos no colírio dela
 Ponha tripas na barriga dela
 Ponha olhos nos óculos dela
 O cabelo o pelo a pele a perna o braço a carne o sangue pensa
 A madeira o nervo a unha a terra a água o leite o peito pensa
 O plástico o fogo o estômago o aço o osso o coração o cigarro o chiclete
 o pano o papel a coluna a vértebra o músculo o vidro o fígado o cágado
 a pedra pensa*

*Tire a mão da consciência e meta a mão na consistência
 Tire a mão da consciência e meta
 No cabaço da cabeça
 Tire a mão da consciência e ponha
 Na cabeça da vergonha
 Tire a mão da consciência e meta no cabaço da cabeça
 Ponha oxigênio e gás carbônico no ar da consciência
 E comida na barriga dela
 Ponha olhos nas lágrimas dela E ossos por dentro da carne, carne por dentro da pele
 dela*

Consciência

(Arnaldo Antunes)

OS ALIADOS DO CRIME/ REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios.** Capecó: Argos, 2009.

ALVAREZ, J. & PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E., KASTRUP, V. E ESCÓSSIA, L.(Orgs) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 131-149.

AYRES, J.R.C.M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde e Sociedade** v.13, n.3, p.16-29, set-dez. 2004.

COSTA, R. Políticas da vida e pedagogia do corpo. In: CARVALHO, Y.M., FRAGA, A.B.& GOMES, I.M. (orgs) **As práticas corporais no campo da saúde.** Vol.3. São Paulo: Hucitec Editora, 2016, p.23-41.

ESCÓSSIA, L. & TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E., KASTRUP, V. E ESCÓSSIA, L. (Orgs) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 92-108.

BARROS, M.E.B. & MORSHEL, A. Conhecer. In: FONSECA, T.M.G., NASCIMENTO, M.L. E MARASCHIN, C. (Orgs) **Pesquisar na diferença: um abecedário.** (Orgs) Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 61-63.

BARROS, L.P. & KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E., KASTRUP, V. E ESCÓSSIA, L. (Orgs) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2014, 52-75.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Diretrizes do NASF**: Núcleo de Apoio a Saúde da. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_do_nasf_nucleo.pdf>. Acesso em: fevereiro 2017.

BUSSIUS, L. Travessias: mulheres migrantes nos bairros periféricos Bonsucesso e Novo Wenzel em Rio Claro, SP. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Curso de Geografia UNESP - Rio Claro : [s.n.], 2011 58 f., 2011.

DEJOURS, C. **O fator humano**. Tradução: Maria Irene Stocco Betiol, Maria José Tonelli. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

DELEUZE, G. A imanência: uma vida... **Revista Educação & Realidade**. Faculdade de Educação: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

DELEUZE, G. **Filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Editora Escuta, 2011.

DELEUZE, G. Conversações. **Coleção TRANS**. 3a ed. São Paulo: editor 34, 2013.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia**, Vol. 4. São Paulo: Editora 34, p.115-170, 1997.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade v. 3 - o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade v. 1 - a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FUGANTI, L. Nietzsche e a Invenção da Moral: uma Genealogia do Bem e do Mal. **Cursos em vídeo.** Disponível em <http://escolanomade.org/2016/02/10/nietzsche-e-a-invencao-da-moral-uma-genealogia-do-bem-e-do-mal/> Acesso em: fevereiro de 2016.

FUGANTI, L. O que é e o que pode o corpo? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UVWOzqbpvNo> Acesso em: setembro de 2015.

FUGANTI, L. Educação para potência. Aulas 1 a 8. **Cursos transcritos.** Disponível em: <http://escolanomade.org/2016/02/25/aula-1-a-8/> Acesso em :julho de 2016.

GARRIGOU, A., WEILL - FASSINA, A., BRUN, J. P., SIX, F., CHESNAIS, M., CRU, D. As Atividades dos Profissionais de Segurança: uma problemática desconhecida. **Actes du congrès de l'Abergó**, Salvador - Bahia. 1999.

GIACOMEL, A.E., RÉGIS, V.M. & FONSECA, T.M.G. Que tal um banho de mar para ativar a potência política do corpo! In: FONSECA, T.M.G. & ENGELMAN, S. (Orgs) **Corpo, arte e clínica.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p.89-103.

GIACÓIA JR.O. Resposta a uma questão: o que pode um corpo? In: LINS, D. & GADELHA (Orgs), S. **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza-CE. Secretaria da Cultura e Desporto, 2002, p. 199-215.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo.** 11 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético.** Coleção Trans. Editora 34: São Paulo, 1992.

GUATTARI, F. **Revolução Molecular: pulsões políticas do desejo.** 3^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1895.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia caminhos e desafios.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

GONZÁLEZ, F.J. Práticas Corporais e o Sistema Único de Saúde: desafios para intervenção profissional. In: GOMES, I. V., FRAGA, A.B., CARVALHO, Y. M. (Orgs) **Práticas corporais no campo da saúde: uma política em formação.** 1^a ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2015, p. 135-162.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império.** Rio de Janeiro: record, 2001.

HEROLD JUNIOR, C. Os processos formativos da corporeidade e o marxismo. **Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 37 jan./abr., 2008.

HERTZ, R. "A preeminência da mão direita – estudo sobre a polaridade religiosa". **Religião e Sociedade**, 6. Rio de Janeiro: Novembro de 1980, pp 99-128.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência.** 1^a ed. Coleção Educação: experiência e sentido. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LAPOUJADE, D. Deleuze: política e informação. **Cadernos de Subjetividade.** Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade. – PUCSP. ISSN: 0104-1231., 2010, p.160-167.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.** Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.

LAZZARATO, M. & NEGRI, A. **Trabalho imaterial formas de vida e produção de subjetividade.** 2^a ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade.** Petrópolis- Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo.** 4^a ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LINS, D. A metafísica da carne: que pode o corpo. In: LINS, D. & GADELHA, S. (Orgs) **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo** Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza-CE. Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber.** 2^a reimpressão. 3^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MALUF, S.W. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços (UFSC): Dossiê Corpo e História**, v.9, p.87-101, 2002.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo - Rio de Janeiro, Hucitec - ABRASCO, 2004.

MOL, A. **The logic of care: health and the problem if patient choice.** London: Routledge, 2008.

MORAIS, M.R.C. Autocuidado e gestão de si: hábitos saudáveis na mídia impressa semanal. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2014.

MONTEIRO, F.R. & ARAÚJO, A.J.S. Os dilemas da prevenção na atividade dos profissionais de saúde e segurança de uma empresa de energia elétrica. In: NEVES, M. Y., ARAÚJO, A. J. DA S., VIEIRA, S. B., ALBERTO, M. F. P. (Orgs.) **Subjetividade e trabalho: "a vida não é só isso que se vê"**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

NEGRI, A. **Jó A força do escravo.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

NIETZSCHE, F. W. **A Gaia Ciência.** Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. Companhia de Bolso. 1^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, F. W. **Humano, demasiado humano.** São Paulo: Escala. Coleção grandes obras do pensamento universal – 42, 2006.

NIETZSCHE, F. W. **Assim falava Zaratustra.** São Paulo: Escala. Coleção grandes obras do pensamento universal – 1, 2006.

NIETZSCHE, F. W. **Fragments posthumes 1882-1884.** Textos e variantes organizados por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Traduzidos do alemão por Anne-Sophie Astrup e Marc de Launnay, sob responsabilidade de Gilles Deleuze e Maurice de Gandilac. Paris: Gallimard, 1997.

PASSOS, E. E BARROS, R.B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E., KASTRUP, V. E ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 17-31.

PELBART, P. P. **O avesso do niilismo cartografias do esgotamento.** São Paulo: N-1 edições, 2013.

PRECIOSA, R. **Rumores discretos da subjetividade – sujeito e escritura em processo.** Porto Alegre: Sulina Editora UFRGS, 2010.

RODRIGUES, J.C. **O Corpo na História.** 2^a Ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

RODRIGUES, J.C. **O Tabu do corpo.** Editora Fiocruz: Rio de Janeiro, 2006.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** 2^a ed. Porto Alegre: Sulina Editora UFRGS, 2014.

ROLNIK, S. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In: FONSECA, T.M.G. & ENGELMAN, S. (Orgs) **Corpo, arte e clínica.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 231-238.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo.** 2^a ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SANT'ANNA, D. B. (org.) **Políticas do corpo.** São Paulo, 2^a Ed. Estação Liberdade, 2005.

SANT'ANNA, D.B. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SPINK, M.J.P. A saúde na encruzilhada entre biopolítica e bioeconomia: reflexões sobre os paradoxos da “era dos direitos” na globalização hegemônica. In: RIBEIRO, M. A. T. R., BERNARDES, J. de S.& L., CHARLES E. (orgs). **A produção na diversidade: compromissos éticos e políticos em Psicologia.** São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 55-74. ISBN: 978-85-7396-539-1, 2007.

SPINOZA, B.B. **Ética.** Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2009.

TESSER, C.D. Práticas complementares, rationalidades médicas e promoção da saúde: contribuições poucos exploradas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 25(8): 1732-1742, ago. Recuperado em 28 de agosto, de 2014, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X200900080009, 2009.

TEIXEIRA, R.R. Agenciamentos tecnosemiológicos e produção de subjetividade: contribuição para o debate sobre a trans-formação do sujeito na saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, 6(1):49-61, 2001.

VICENTIN, M.C.G. Desafios para formação em saúde: algumas notas com base na experiência em saúde mental. In: CARVALHO, Y.M., FRAGA, A.B.&

GOMES, I.M. (orgs) **As práticas corporais no campo da saúde.** Vol.3. São Paulo: Hucitec Editora, 2016, p. 172-186.

VIVEIROS DE CASTRO, E.B. A fabricação do corpo da sociedade xinguana. **Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia**, n. 32, p. 40-49, 1979.

VIVEIROS DE CASTRO, E.B. **Metafísicas Canibais: elementos para a antropologia pós-estrutural.** São Paulo: Cosac Naify, 1^a ed., 2015.

Músicas:

- Todo amor que houver nessa vida (Cazuza)
- A seta e o alvo/ Devagar, divagar ou de vagar? / Muito pouco/ Soneto do teu corpo/ Sinto encanto/ A idade do céu/ Um mólide solto no furacão (Paulinho Moska)
- Super Homem A Canção/ Tempo Rei (Gilberto Gil)
- Alucinação/ Divina Comédia Humana/Coração selvagem (Belchior)
- Deus me proteja de mim/ Beradêro (Chico César)
- Quem me leva os meus fantasmas/ Cântico Negro/ Não enche (interpretadas por Maria Betânia)
- Minha Alma (O Rappa)
- Consciência/Qualquer/Naturalmente/Se tudo pode acontecer (Arnaldo Antunes)
- Toda forma de poder (Engenheiros do Hawaii)
- O Pulso (Titãs)
- Monólogo ao pé do ouvido (Nação Zumbi)
- O que será? (A flor da pele) (Chico Buarque)
- Je Vole (Louane)
- Explode coração/ Um homem também chora (guerreiro menino) / Sangrando (Gonzaguinha)
- Senhas (Adriana Calcanhoto)

- Meu novo llê (Roberta Sá)
- Clandestino (Manu Chao)
- Gracias a la vida (Violeta Parra)
- O que você quer saber de verdade (Marisa Monte)
- Transpiração (Pedro Luiz e a Parede e Ney Matogrosso)
- Classe Operária/ Senhor Cidadão (Tom Zé)
- Mistério do Planeta/ Besta é tu (Novos Baianos)
- Muito Obrigado (Mundo Livre)
- Santa Felicidade (Nenhum de Nós)
- Inclassificáveis (Ney Matogrosso)
- Praias desertas/ Águas de Março (Tom Jobim)
- Agora ou jamais/ Passa, Repassa (Samba do Agora) (Thais Morell)
- Nalgum Lugar (Zeca Baleiro)
- Sampa (Caetano Veloso)
- Kashmir (Led Zeppelin & Hossam Ramsy)

Poemas:

- Poema começado do fim, A faca no peito (Adélia Prado)
- Poesia completa (Manoel de Barros)
- Mãos Dadas (Carlos Drummond de Andrade)
- Da Paz (Marcelino Freire)
- Andar Andei / Cogito (Torquato Neto)

Imagens:

- “About face” (Anthony Howe)

- Exposição “Imagens do Lixo” (Vik Muniz)
- Alunos ocupam escolas no estado de São Paulo (manchetes de jornais e blogs brasileiros no período de novembro de 2015 a maio de 2016)
- Imagem sem título do escultor, desenhista e ator de performance pernambucano de Palmares, Antônio José de Barros de Carvalho e Mello Mourão, o Tunga (1952-2016)

Filmes:

- Tango Livre (Frédéric Fonteyne 2014)
- Hannah Arendt (Margarethe Von Trotta 2013)
- La famille Bélier (Éric Lartigau 2014)
- Birdman (Alejandro González Iñárritu 2015)
- Capitães de Areia (Cecilia Amado 2011)
- O Sal da Terra (Wim Wenders 2014)

Grupos de estudos: corpo e sociedade (Unesp-RC), educação matemática (Unesp-RC), disciplina genealogia das tecnologias corporais modernas (Unesp-RC), núcleo de pesquisa trabalho e ação social (Puc-SP), núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade contemporânea (Puc-SP).

Eventos:

- Jornada Sócio-Histórica 2013 e 2014
- III Simpósio Sociedade e suas Interfaces: o corpo entre a saúde e o adoecimento. 04 a 07 de junho de 2013. Local: UESPI em Parnaíba-PI
- I Encontro de Filosofia e Ciências Sociais da UESPI. 25 a 27 de novembro de 2015 em Parnaíba-PI.
- Seminário dos 10 anos de atividades do grupo de pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem, coordenado pelo professor, poeta e tradutor Amálio Pinheiro, vinculado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, da PUC-SP. 17 e 18 de junho de 2015.
- *Novos povoamentos*. 29 e 30 de setembro de 2016. Núcleo de Subjetividade da PUC/SP no Campus Monte Alegre São Paulo /SP.

ANEXOS

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL**
End.: Rua Monte Alegre, 984. Perdizes. 05014-901 - São Paulo-SP - Brasil
Fone/fax: (011) 3670-8520 E-mail: pssocial@pucsp.br

CARTA DE INFORMAÇÃO SOBRE A PESQUISA

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa de doutorado cujo objetivo consiste em analisar a trajetória de implementação e desenvolvimento da prática integrativa e complementar Lian Gong no contexto da rede municipal de saúde na cidade de Rio Claro-SP. Este estudo é realizado pela pesquisadora Ms. Fabiana Ribeiro Monteiro sob a orientação do professor Dr. Odair Furtado da PUC-SP. A pesquisa poderá contribuir para o aprimoramento de ações e políticas públicas na área da Saúde do Trabalhador. Para tanto, utilizaremos um diário de campo para registro da observação participante. Caso você aceite participar das entrevistas sobre o assunto, estas serão gravadas (áudio) de modo a facilitar o registro das informações. A pesquisadora compromete-se e assegura que:

- a) a aceitação não implica que você estará obrigado(a) a participar, podendo interromper sua participação a qualquer momento, mesmo que já tenha iniciado, bastando, para tanto, comunicar a pesquisadora;
- b) os riscos da participação são mínimos, mas caso ocorram quaisquer constrangimentos ou desconfortos a pesquisadora buscará esclarecer e apoiar qualquer forma de dúvida;
- c) a sua participação é voluntária, neste caso não forneceremos quaisquer formas de remuneração nem você terá qualquer despesa financeira;
- d) as informações obtidas durante a pesquisa serão confidenciais, restritas a supervisão acadêmica, e quando na apresentação do estudo para a comunidade científica seu nome será substituído por um pseudônimo de modo a garantir seu anonimato;
- e) você pode consultar familiares, amigos e outras pessoas antes de decidir participar dessa pesquisa, sendo garantido o tempo que for solicitado para essa consulta e decisão.

Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato com a pesquisadora conforme os dados fornecidos abaixo. Você é livre para concordar ou não com este termo.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, após leitura de CARTA DE INFORMAÇÃO SOBRE PESQUISA (acima), ciente da utilização do conteúdo dos registros da observação participante e entrevistas para pesquisa científica, não restando qualquer dúvida a respeito do que foi lido e explicado a respeito desta pesquisa, permito que a entrevista seja gravada e transcrita, sendo garantido o sigilo dos meus dados de identificação. Declaro estar ciente de que estou autorizando a encerrar minha participação no trabalho a qualquer momento que julgar necessário sem sofrer qualquer tipo de penalidade.

O presente termo é assinado em duas vias, ficando uma em seu poder.

Rio Claro, ____ de _____ de 2014.

Participante

Fabiana Ribeiro Monteiro
Pesquisadora responsável
(fabianamonteiro@ufpi.edu.br)
Telefone:(19)984393007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL
 End.: Rua Monte Alegre, 984. Perdizes. 05014-901 - São Paulo-SP - Brasil
 Fone/fax: (011) 3670-8520 E-mail: pssocial@pucsp.br

QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Cargo: _____

Local de trabalho: _____

Tipo de contrato: () concurso público () terceirizado () contrato temporário

Realiza outro tipo de atividade remunerada? Se sim, qual? _____

Idade: _____ anos Sexo: () feminino () masculino Estado civil: _____

Escolaridade: _____

Pós-graduação () sim () não Mora em () apartamento () casa () outro

Tempo de serviço na rede municipal de saúde: _____

Já trocou de local de trabalho desde que começou na rede municipal de saúde?

() sim () não qual? _____

Já frequentou algum grupo de Lian Gong? () sim () não

Se sim, ainda o frequenta? Há quanto tempo? _____

Existe grupo de Lian Gong onde você trabalha? () sim () não

Se não, pretende criar algum? _____

Como soube do curso de capacitação em Lian Gong? _____

O que o (a) motivou a fazer essa capacitação?

ROTEIRO ENTREVISTAS SEMI-ABERTAS

1. Como você começou a participar dos grupos de Lian Gong?
2. O que te faz pensar as seguintes palavras:
 3. Saúde
 4. Corpo
 5. Dor
 6. Cura
 7. Exercícios
 8. Trabalho
 9. Cuidado
 10. Doença
 11. Tempo

**PERFIL SÓCIO-DEMOGRÁFICO DOS SERVIDORES PÚBLICOS E
USUÁRIOS DOS GRUPOS DE LIAN GONG**

PARTICIPANTES	ESCOLARIDADE	FREQUENCIA NOS GRUPOS DE LIAN GONG	GRUPOS ATUAIS NA CIDADE	MOTIVAÇÃO PARA O CURSO
23 mulheres 1 homem	85% ensino médio completo	15% já frequentam	4	80% Melhorar a qualidade de vida da população
2 fisio's 1 técnica em vigilância sanitária 18 ACS	50% há 3 meses no cargo	85% nunca frequentaram	90% ainda não tem na sua unidade	10% Fazer algo novo, adquirir conhecimento
100% concursados municipais	50% há 6 anos em média no cargo	-	-	10% Sair do sedentarismo, benefícios à própria saúde

